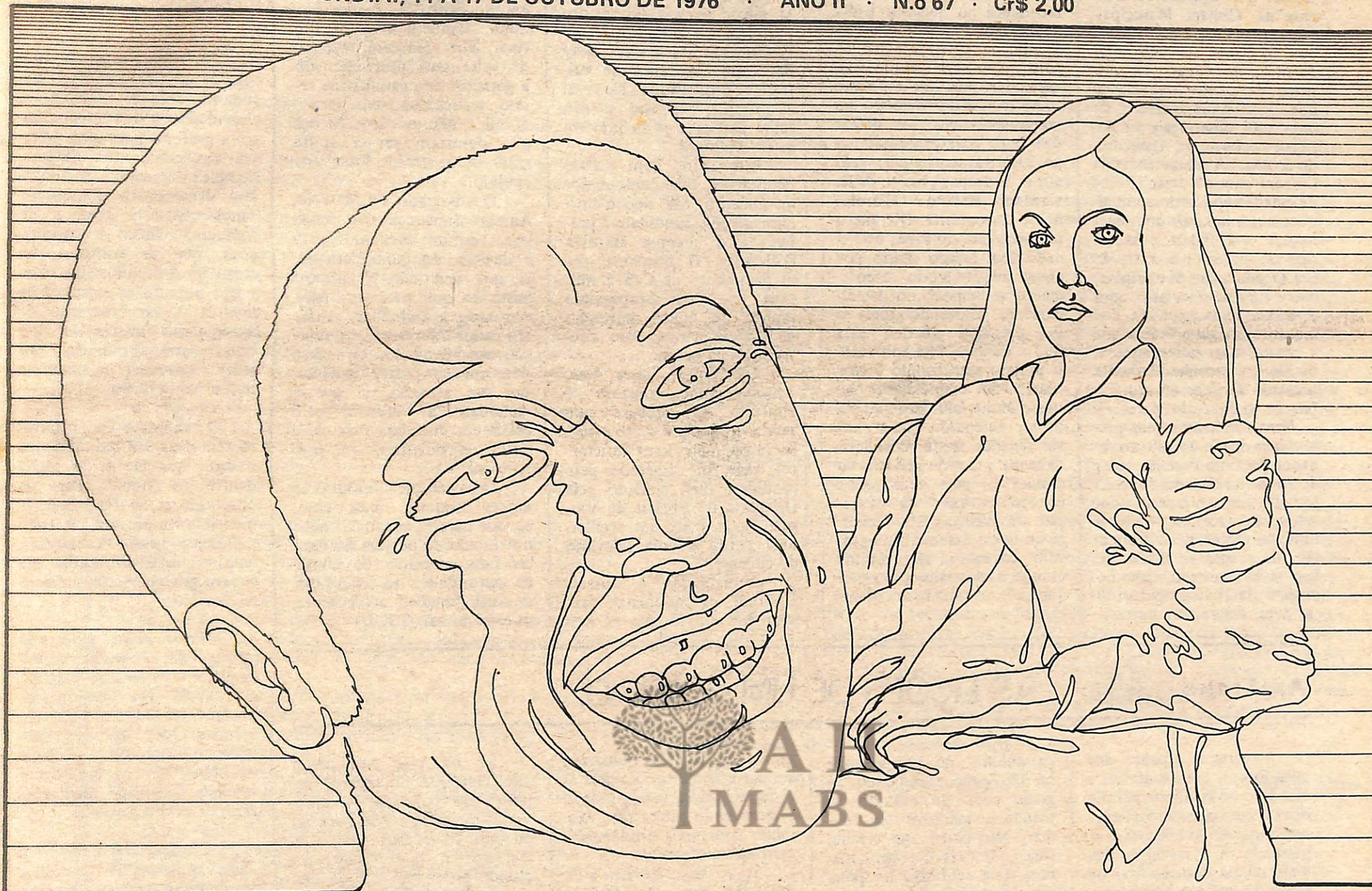


JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 11 A 17 DE OUTUBRO DE 1976 · ANO II · N.º 67 · Cr\$ 2,00

Paulo Branco



**E QUANDO
SERÁ A SEMANA
DESTAS
CRIANÇAS?**

pág. 8 e 9

**ELIS (EXCLUSIVA)
METE O PAU
NO SISTEMA.**

pág. 13

**A DENÚNCIA
DA ENFERMEIRA
PERSEGUIDA
(ADIVINHE POR QUEM)**

pág. 16



O cidadão Portela

UMA DÍVIDA DE GRATIDÃO, OU GRATIDÃO POR UMA DÍVIDA?

Farta distribuição de títulos de "Cidadão Jundiense" na Câmara Municipal: 36, numa tacada só. Alguns dos pareceres da Assessoria Jurídica da Câmara, a respeito de certos homenageados, vem acompanhados de uma sutil observação do Assessor Jurídico, dr. Aguinaldo de Bastos: "A competência da Câmara para outorgar títulos de cidadão honorário ou qualquer outra honraria ou homenagem está fixada pelo artigo 25, inciso n.º XIII, da Lei Orgânica dos Municípios, mas é oportuno lembrar, com a devida vênia, que um dos requisitos exigidos é o de que a pessoa a ser homenageada, tenha, reconhecidamente, prestado serviços ao Município (o grifo é do parecer)."

Uma das homenagens pretendidas dando o título ao senador Petrólio Portella, líder da Arena no Senado, foi contestada com um parecer contrário do vereador Abdoral Lins do Alencar, da Comissão de Justiça e Redação, que se baseou exatamente no parecer da Assessoria Jurídica para dizer: "do currículo

lun vitae anexado ao nosso município, não obstante se reconheça no Senador Líder do Governo importante personalidade política nacional, com quem nem sempre concordamos, mas que representa no regime democrático um pensamento vivo na defesa das teses governamentais. A justificativa apresentada pelo autor da proposição (N. da R. vereador Rolando Giarola) não é convincente. Diz que o representante do Piauí no Senado tem lutado muito por nossa cidade, tendo recentemente se empenhado decididamente colocando todo o seu prestígio político para que a Câmara Alta aprovasse o projeto autorizando a concessão de empréstimos ao nosso Município. Isto não pode ser entendido que o ilustre senador tenha reconhecidamente prestado serviços ao município, pois nem todos concordam que essa operação de crédito seja benéfica ao nosso desenvolvimento. Pelo contrário, são muitos os que a mostram como prejudicial às finanças municipais".

O caso Kenyty

COM A APRESENTAÇÃO DAS PROVAS E UM ACÓRDO, O FIM DO CASO KENYTY.

O livro-caixa do Comitê da Arena-1, de Várzea Paulista, salvou as candidaturas dos postulantes a prefeito, Kenyty Nozaky, e seu vice, Amy de Souza. Acusados de custear propaganda eleitoral às próprias expensas, pairou sobre ambos a pena prevista na Lei Eleitoral.

Este caso, com outras implicações, tece como maior instrumento um documento assinado pelo candidato a prefeito e o circense Marcelo Dellaguiar. O primeiro, pelo pagamento de Cr\$ 5 mil, teria feito sua propaganda através de faixas colocadas dentro do circo, pelo alto-falante e na perua.

Entretanto, nem tudo ocorreu como constava no contrato. O circense quis mudar-se, já que onde estava os lucros não eram suficientes, mas foi impedido pelo candidato que, ajudado pela Delegacia de Polícia de Várzea, ficou com um trailer, uma perua e uma televisão do circense.

Denunciados à Justiça Eleitoral, os candidatos conseguiram provar que as des-

pesas foram feitas através do Comitê. Os outros fatos, encaminhados à Justiça Comum, também tiveram um final feliz: Marcelo recebeu de volta seus pertences sob a garantia dos candidatos terem restituídos seus Cr\$... 5 mil e não os Cr\$ 10 mil que deveriam ser a multa caso o contrato fosse rescindido.

O advogado de Marcelo, Aurélio Santucci, não impedirá nenhum recurso contra a decisão do juiz eleitoral, já que seu cliente tomou posse do que precisava para continuar a trabalhar. Aliás, seu maior interesse. Com relação ao advogado, tentou-se dar um propósito político em sua atuação, já que é candidato a vereador pelo MDB em Jundiá, mas ele é antes de político, um profissional.

De qualquer modo, as únicas sequelas desse caso, ao que parece, recairão sobre o delegado de polícia Fernando Piza, acusado de abuso de autoridade no exercício de suas funções ao auxiliar os candidatos. (C.K.I.)



Teve ótima repercussão a atitude do Centro Cívico Estudantil "Padre Anchieta" convidando todos os candidatos a prefeito para uma palestra aos estudantes daquele complexo escolar. A iniciativa democrática dos anchieta contrasta com a de inúmeros clubes e associações, que se comprometem com o prefeito Ibis Cruz a não permitir a presença de candidatos, na esperança de conseguirem favores do tipo verba para ampliação das sedes, terrenos, piscinas e outras benfeitorias.

O candidato Pedro Fávoro tem dito, em reuniões nos bairros, que ele é "o MDB dentro da Arena". Para os observadores, o fato dele já mencionar a palavra "Arena" representa gesto "corajoso" uma vez que até então ele evitava qualquer referência ao seu partido.

A deduzir-se pela sua propaganda, o candidato Otávio Betelli trocou de partido, mas ainda não aceitou publicamente sua condição de arenista: seus cartazes simplesmente omitem a sigla ARENA. "Um candidato em fase de transição", dizem os críticos mais mordazes.

Um dado novo, embora oficioso, para os analistas: nas diversas pesquisas de opinião que vários candidatos vêm realizando, o nome Erázé Martinho tem aparecido sempre como um dos dois primeiros, na preferência popular. A disputa tem se alternado com Pedro Fávoro, da Arena.

"Nenhum dos candidatos se distanciará tanto do segundo colocado a ponto de eleger-se independentemente dos votos da legenda. Por isso, o MDB está agindo corretamente quando apresenta seus três candidatos falando a mesma linguagem partidária, em comícios e reuniões conjuntas" Essa é a opinião de observadores experientes em eleições municipais.

ANÁLISE



AS LIÇÕES DE UM COMÍCIO.

À parte o espanto dos mais jovens, poucos afeitos a esse tipo de manifestação pública e que passaram ao largo, sem entender o que estava se passando, e a nostalgia dos mais velhos, testemunhas de tantos outros acontecimentos mais feéricos e retumbantes, o comício que o MDB realizou no sábado dia 2, na praça Pedro de Toledo, oferece alguns pontos de análise que não podem deixar de merecer a atenção dos observadores mais atentos.

Em primeiro lugar, se a participação popular na concentração, com a presença de uma de suas mais fulgurantes estrelas eleitorais — o senador Orestes Quércia — ficou aquém da expectativa que a notoriedade do ex-prefeito de Campinas autorizava pressupor debite-se isso ao próprio diretório local do partido. Caberia a ele, sem dúvida, a tarefa de dar à concentração um respaldo publicitário mais adequado à presença, na pra-

ça pública, de um senador há tão pouco tempo consagrado com um votação estrondosa, inclusive em Jundiá. Não houve, na cidade, sinais notáveis de, pelo menos, uma tentativa de polarização nesse sentido.

É evidente que o velho comício, com faixas, bandeiras e rojões, que era quase uma festa pública, foi substituído, graças a circunstâncias as mais diversas, por outros tipos de atuação talvez mais discretos e mais eficientes. Mas sempre se pode pressupor que ele sirva bem ou mal, para fornecer dados que permitam formar uma idéia aproximada da temperatura em que se encontra o caldeirão eleitoral. Se isso servir como ponto de referência, deve-se deduzir que a campanha eleitoral municipal não atingiu ainda o ponto de efervescência adequado à formação de opiniões definitivas e cristalizadoras de tendências. A impressão é a de que a

grande massa do eleitorado se não está de todo alheia às teses em debate, ainda está se resguardando talvez para examinar com mais prudência a mercadoria oferecida.

Se do lado arenista a indefinição geral das idéias e teses parece cristalizar-se, a ponto de tornar praticamente impossível uma colocação que não seja no nível puramente pessoal, na base do vote-em-mim-porque-eu-sou-melhor-do-que-fulano, o comício do MDB deixou evidente que o partido, pelo menos na superfície, está unido em torno de uma tese geral: a de que seus candidatos, não por méritos fulgurantes pessoais de cada um, mas exatamente por serem seus candidatos, podem governar melhor do que os da Arena. Todos eles demonstram, pelo menos na manifestação pública, absoluta identidade em torno das teses centrais do MDB, em nível nacional, e em nível municipal.

Se os três candidatos opositoristas aparecerem juntos no palanque — cada um para pedir votos para si, ou para os outros dois — e reafirmarem que a proposição do MDB não é a de deter-se em ataques à figura do prefeito por ser ele o sr. Fulano, mas por ser um chefe de Executivo arenista, e é exatamente nesta última qualificação que reside, segundo eles, seu defeito básico, dificilmente se pode esperar, por parte dos candidatos arenistas, uma mostra de coesão tão clara. Primeiro, por ser um deles a própria proposição de continuidade. E porque os outros dois, embora sendo em tese opositores dos desmandos administrativos do atual prefeito, têm com ele a incômoda e incortável ligação do cordão umbilical partidário. E com esse cipoal de contradições, que espécie de unidade ou coesão se pode pretender?

Equipe J2a.



LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

E tempo de saber das coisas.

Basta discar 434-2759

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1044 - Fone 434-2759
Redator Chefe: Carlos Veiga
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue
Impressão: Departamento de Off-Set do
"Diário do Povo" - Campinas



Canto Chorado

Quem tem um olho é que é Reis...

O dinheiro do imposto continua esvoaçando nas páginas dos jornais "amaciados" com o quinhão do contribuinte.

Desta feita, para contar ao povo que por força dos fenômenos conjunturais tudo aumentou c'oa bidade do tempo.

A Gutierrez aumentou; aumentou a verba da colenda; aumentou a folha dos "chupetas"; aumentou o preço da propaganda, e, nos restaurantes o menu à la carte já está custando quase o dobro. O que se comia antes com 1.992 pratos por dia, hoje não se come com menos de 3 mil. A fatia publicitária com que se acostumou alardear as "obras" de seu Pereira, que eram de 18.500 pratos diários, também, por inflacionado como anda o mercado jornalístico, já não dá. Terá que ser aumentada em atenção às contingências.

Falando do futuro, como bem disse o sermão encomendado em certo jornal, é muito cedo para se ter uma idéia exata do que foi feito por nossa cidade.

Há que se dar crédito ao jornal. De fato, só depois de 31 de janeiro é que vamos ter uma idéia exata do que foi feito.

O aumento dos impostos e taxas que vocês vão ter no ano que vem, é muito salutar para vocês mesmos. Foi calculado para pagar muitas coisas entre as quais os "chupetas" e as expropriações ao longo do Corrego do Mato.

Aquele Corrego, que já tem os seus préstimos postos a serviço de dois carnavais e pomposos desfiles escolares, pode representar nada para vocês e até mesmo para os seus filhos, mas vai ser um regalo dos seus netos para a frente.

O fato de servir agora somente aos motoqueiros apatacados não é nenhuma novidade. Já se sabia de antemão. Não foi mesmo concebido para gaudir dos coevos, isto é, desta enferrujada geração.

Tão logo comece o Corrego a mostrar p'ra o que veio, daqui há uns vinte anos, já se estará pagando as últimas prestações dos empréstimos que lhe deram origem.

Com olhos cor de rosa, entretanto, desde já vocês poderão ver o progresso "explodindo de minuto a minuto". Para tanto, basta apenas que troquem o jargão de S. Tomé: ler para crer... e acabarão crendo, mesmo sem ver.

Se o aumento que aí vem
É p'ra vida melhorar
De "chupetas" vivaldinos,
P'ra Gutierrez não parar

P'ra que o Reis suba no trono
E a festança continuar,
C'o Pereira feito dono
E escribas a faturar

Viva o imposto minha gente,
Que eu vou pagar com vocês.
Porque na terra dos cégos
Quem tem um olho é que é Reis

Simão

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

disque:

434-2759

QUAL É?

Prezado amigo Leme do Prado:

Desculpe-nos, mas tem que ser. Você faz uma denúncia das mais graves sobre os dois milhões gastos ao arripio da Comissão Municipal de Trânsito, em serviço sem concorrência, afirmando que o dinheiro foi simplesmente jogado fora e termina com peninha do Prefeito porque este jornal o critica? Qual é? Uma no cravo outra na ferradura?

Para nós, quem joga dinheiro do povo fora tem que levar todas no cravo. Pode até cuspir ouro. Você já fez um cálculo para verificar quantas bolsas de estudos a Prefeitura poderia financiar com dois bilhões antigos?

Você conhece muito bem como vivem as casas de caridade locais e o que daria para fazer com essa dinheirama.

Não, não dá. Se você quiser jogar flores pode, mas usar o nome da Sociedade Amigos de Jundiá...

Começa que dizer que o homem é bonzinho também não fica lá essas coisas, porque todos sabem como ele age quando é contrariado. Invade domicílios de humildes funcionários e ameaça de prisão quem fizer certas perguntas sobre sua administração.

Acontece, caro amigo, que a demonstração de respeito à opinião pública não se faz apenas aceitando a crítica e continuar abusando do mandato popular, gastando os recursos obtidos com impostos nababescamente em restaurantes locais e em propaganda paga a peso de ouro, para sua promoção pessoal. Se não gastasse tanto dinheiro nessas coisas supérfluas, poderia até cancelar todo o imposto predial e não cobrar nada de ninguém. É só fazer as contas. Mas como gasta à toa, vem aí outros aumentos.

Não. Aceitar críticas dessa maneira não é respeito é deboche.

Aceitar críticas sem represálias não é verdade, porque as toma e da maneira menos recomendável possível, como denunciar junto aos seus superiores um extraordinário cidadão, com larga soma de serviços, profissional altamente capacitado, com o objetivo de desempregá-lo, só porque aceitou um convite da Câmara e deu explicações técnicas que contrariavam um projeto absurdo encaminhado ao Legislativo.

Aceitar críticas tolerando ferrenhos adversários, no caso, não demonstra grandeza absolutamente nenhuma. Apenas dá a dimensão dos seus erros, pois que todas as denúncias são provadas à vontade. O amigo, pode, a hora que quiser, solicitá-las que as forneceremos. Todas.

Não tivéssemos essa convicção não teríamos, com seis cidadãos de nossa terra, encaminhando aos nossos Juizes uma Ação Popular contra um contrato lesivo ao nosso povo, cujo montante, que pretendemos provar em juízo, dá para corar todos os postes de Jundiá incluindo os da Avenida Corrego do Mato.

Naquele processo, o Prefeito terá que anexar documentos até agora não conhecidos nem pela Câmara Municipal. E esteja certo: com o dinheiro gasto com a empresa que mais cobrou em detrimento das outras, daria para sustentar com leite, comida e remédios, todas as crianças que morreram em Jundiá, cujos índices usou para obter os empréstimos em Brasília. Ou se o dinheiro está sobrando daria para cancelar todo o imposto Predial, Territorial e de Serviços, fazendo dos jundiáenses o único povo isento de impostos municipais do mundo!

Virgílio Torricelli

E o inevitável aconteceu...

Desde que o sr. Ibis Cruz aumentou desmesuradamente os impostos e taxas incidentes aos prédios e terrenos urbanos do município que vimos alertando os leitores com relação a uma nova carga tributária que inevitavelmente sobrecarregaria a bolsa do contribuinte.

Tantas foram as nossas afirmativas quantas aquelas que o prefeito desmentiu na volúpia de ilaquear a boa fé da população.

Sempre dissemos aqui que, para fazer face ao monstruoso aumento das despesas desnecessárias, os impostos teriam que ser majorados gritantemente.

As centenas de "chupetas" que formam a "entourage" do alcaide, ociosamente descansados à sombra da sinecura, custam ao povo uma importância que os cofres da Prefeitura não poderiam suportar sem o gravame de novo e substancial aumento.

Esse imensurável contingente eleicoeiro, que na linguagem satirizante de Simão vive agarrado às tetas da velha Petronilha, está a exigir cada vez mais dinheiro. E, como toda gente sabe, o dinheiro nasce dos impostos.

Vem daí que o sr. Ibis acaba de baixar o decreto n.º 4.126, dispondo sobre novo cálculo do imposto incidente na propriedade imobiliária — casas e terrenos no perímetro urbano.

Claro que não se poderia dizer aqui de quanto foi o aumento estabelecido para cada contribuinte, já que estes se contam por quarenta ou cinquenta mil.

Será, portanto, necessário que cada um, para o saber, busque a sua situação no próprio decreto ou espere pelos avisos que, por razões óbvias só serão distribuídos depois das eleições.

Comprando uma página inteira de cada jornal da cidade, o sr. prefeito vem dizendo que "o povo é o único e verdadeiro juiz de seus atos".

Nesse particular, não há como deixar de reconhecer a assertiva daquele lugar comum, forjado com pobreza de imaginação, atendendo ao intuito de sensibilizar os que se deixam embair pelo canto da sereia. A sorrelha busca insinuar que as nossas observações com relação aos desvios administrativos não fazem eco no seio da coletividade.

Mas, quem somos nós, senão o próprio povo?

Como órgão independente, desassombrado e altivo, portavozes de quem somos senão do povo?

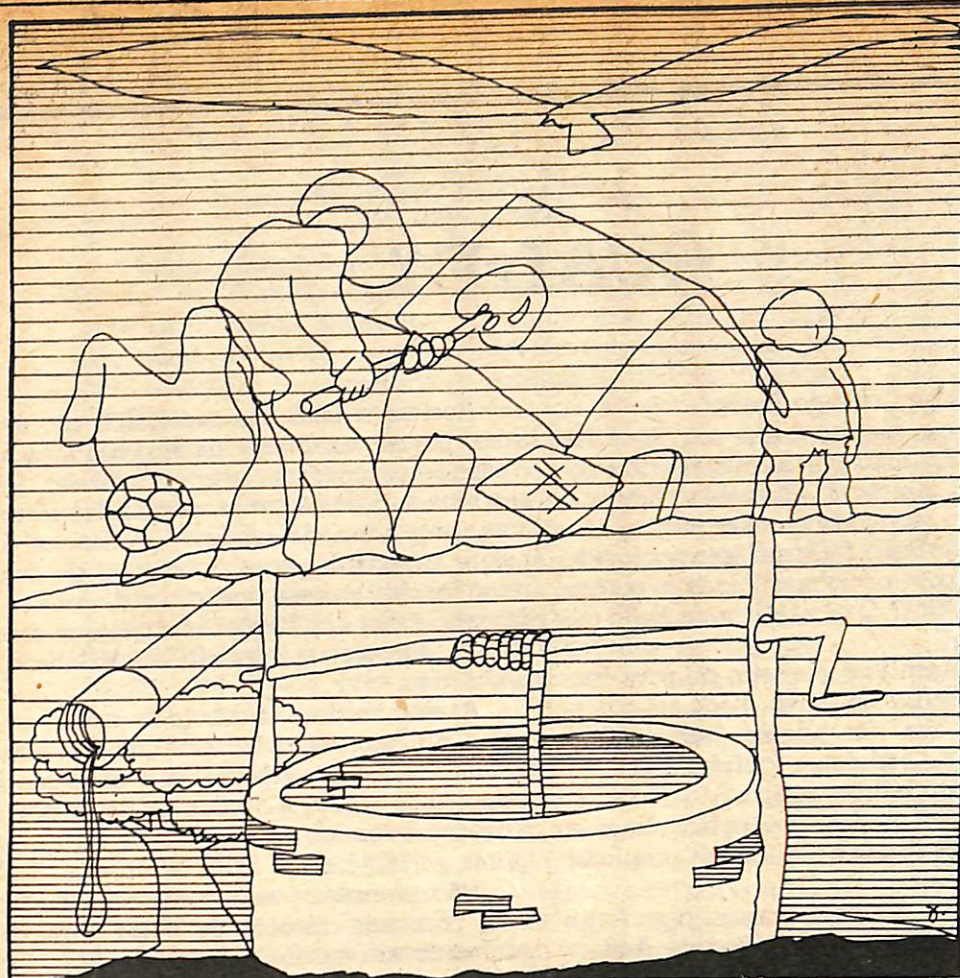
Ou se pretende insinuar que vem da propaganda mentirosa e engazopadora encomendada nos outros jornais a palavra e o pensamento do povo?

Podemos não ser os juizes, porque de fato não somos, mas somos sem dúvida parte desse tribunal sem toga. Uma espécie de litisconsorte no julgamento dos atos administrativos, dos gastos com os brodios de restaurantes, de propaganda tendenciosa, de endividamento, da pletora dos "chupetas" e de tudo, enfim, que diga respeito ao interesse maior da coletividade, porque é do minarete do povo que costumamos enxergar a distribuição do dinheiro público.

Voltando à premissa: Prepare-se o contribuinte para pagar mais imposto no ano que vem.

O inevitável aconteceu.

Elcio Vargas



A Fonte dos Desejos

Erazé Martinho

("Se você formular um desejo e atirar uma moeda na fonte, esse desejo se realizará". De uma lenda romana).

"Eu só queria uma camisa e uma bola de futebol pro meu filho. Ele não pode sair pra brincar na rua, ele sofre de ataque. Uma camisa e uma bola já dava pra ele brincar em casa. Sabe como é, todo moleque gosta de futebol". (Uma senhora do Jardim do Lago)

"Não é pra mim que eu estou pedindo, é pra minha cunhada. Ela veio de Olímpia e está morando lá com a gente. Tá meio apertado, porque a casa só tem dois cômodos, mas a gente se ajeta. O pior é que ela tem sete filhos e meu irmão ainda não ajustou trabalho. Umas roupas usadas e dois cobertores já ajudavam. Roupas de criança, porque a criança não tem nem com que cobrir o corpo". (Outra mulher do Jardim do Lago)

"Eu só quero que mude alguma coisa, porque assim não dá. Veja o meu caso. Eu era servente de uma escola. O dinheiro não dava. Pedi demissão e arranji emprego de poceiro, aqui no bairro todo mundo tá fazendo poço. Pois eu pego firme o dia inteiro, o trabalho é duro, mas dá pra tirar mais do que eu tirava na escola. Mas ainda é pouco. Não estou reclamando por mim. Pra mim até que dá pra quebrar o galho. Chego de tarde, tomo umas duas canas e durmo sem janta. Mas o pior são as crianças, elas tem que almoçar e jantar, certo?" (De um homem da Vila Maringá)

"Eu recebo trezentos e sessenta contos por mês, sou aposentado. Esse terreno eu comprei a prestação, já faz oito anos que acabei de pagar. Agora puseram os canos de água. Sabe quanto eu vou pagar só de cano? Seiscentos contos. Como é que eu vou fazer pra pagar? (De um velho do Gramadão)

"Eu precisava arranjar um

jeito de arrumar aposentadoria. Tenho sessenta e dois anos, sempre trabalhei na roça. Teve um tempo que eu trabalhava numa chácara e trazia verdura pra vender na cidade. Olha esses calos na mão, é tudo de pegar na enxada. Acontece que eu não tenho documento de que trabalhei, nunca tive, nunca precisei. A fazenda onde eu trabalhava já nem existe mais. O dono da chácara que eu trabalhava e vendia verdura morreu e os filhos não querem dar uma declaração, porque a chácara vai ser loteada. E eu não tenho jeito de me aposentar. Não é só por causa da pensão, não. É mais prum caso de doença, não dá pra eu pagar um médico, uma operação". (De um velho da Colônia)

"E só uma planta de um cômodo que eu preciso. Só o desenho, pra levar na Prefeitura. Se eu construir esse cômodo, tudo bem, o filho pode casar e morar aqui mesmo. Porque o que ele ganha não dá pra pagar aluguel, não. (De um homem da Vila Comercial)

"Eu mesmo construí a casinha, com a ajuda desses dois colegas aqui. A gente pegava de sábado e domingo e acabamos fazendo a casa. Agora eu vou ter que pagar o INPS. Mas fomos nós que construímos, eu e os colegas. Onde eu vou arranjar 400 cruzeiros pra pagar esse INPS que eu nem sei do que é?". (De um homem do Jardim Pacaembu)

"Pra mim seria bom um emprego numa chacinha, num sítio. Porque não dá pra pagar aluguel de casa, qualquer casinha de dois cômodos tá custando oitocentos, novecentos contos. Pois eu tenho corrido toda a redondeza. Traviú, Bonfim, Engordador, às vezes fico sem almoço, andando por aí. Mas ninguém quer me colocar porque eu tenho seis filhos e eles querem casal sem filhos. O que eu vou fazer, matar meus filhos pra poder arranjar trabalho?" (De um imigrante de Mato Grosso)

O repórter

Encontro na rua, a passo-galope, muito branco e muito alto, a invariável gravata frouxa e o cachimbo a fumar, um sempre por dentro das boas histórias. Contive-lhe a pressa, com um abraço, e, de lambuja, ainda ganhei uns dez minutos de preciosas notícias do Congresso e adjacências.

Adjacências, sobretudo (a passagem além da Câmara e do Senado, onde se esconde todo o mistério do poder). Off the record à parte (claro, meu amigo merece), aqui está o publicável, que não é de jogar na cesta.

Eu — Você acha que haverá cassações na Assembléia Legislativa de São Paulo?

Ele — (com um meio sorriso, talvez zombando da minha ingenuidade) — Nunca. Como poderá o governo punir os deputados de São Paulo, se não tomou nenhuma providência no caso das mordomias? Deu uma rápida explicável, e pronto. Mais, amigos: o governo sabe que, punindo o MDB numa véspera de eleição, corre o risco de transformar o partido em vítima e, conseqüentemente, sofrer o desgosto de ver o povo vingá-lo nas urnas de novembro.

Eu — Aqui, rapaz, estamos consumindo uma safra incrível de boatos...

Ele — Sei. Em Brasília, também. Mas posso lhe garantir que nada acontecerá antes das eleições. Ou melhor, o que estava para acontecer em São Paulo já aconteceu: a Arena beneficiou-se, e muito, de escândalos da Assembléia. Fala-se de uma debandada de 500 mil eleitores, apenas na Capital.

Eu — E você admite que tenha sido uma denúncia encomendada?

Ele — Bem, afirmar não posso. Mas dá para desconfiar, não dá? O que se diz em Brasília é que esse episódio faz parte de um plano nacional para derrotar o MDB. Mais denúncias aparecerão ainda, iguais à que agora envolve o senador Orestes Quêrcia, acusado de ter a seu serviço pessoas pagas pela Prefeitura de Campinas.

Eu — Seria então o contra-ataque do governo, depois do caso das mordomias?

Ele — Tudo indica.

Novo abraço, e retomou o seu passo-galope (incrível, a pressa do meu amigo), deixando-me a suspeita terrível a martelar por dentro. Uma jogada da Arena? Mas como, meu Deus, se o deputado Osíro Silveira, o autor da denúncia da Assembléia, pertence ao MDB?

A suspeita ainda martela por dentro.

ETC. e TAL

Deu no Jornal do Brasil:

"O escritor Emil de Castro, candidato do MDB à Prefeitura de Mangaratiba, o menor município da área metropolitana do Rio, recorreu a um sábio e eficaz expediente para fazer sua campanha: percorre a cidade distribuindo livros de sua biblioteca, bem como suas poesias, aos eleitores.

—§—

Faltam 35 dias para as eleições.

—§—

De uma raposa do saudoso PSD, hoje hospedada na Arena:

— O prefeito de Campinas, Lauro Péricles Gonçalves, fará escola, vocês vão ver. Ele inventou um bom negócio que é ganhar um mandato no MDB e ir saboreá-lo em águas mais tranquilas.

—§—

Estará circulando até o fim do mês o meio tablóide Maria Quitéria, do Movimento Feminino pela Anistia.

—§—

Estamos num ano eleitoral violento. Em Pernambuco, cachorros e soldados do governador Moura Cavalcante em cima do MDB. Em Mutum, MG, tiros na praça: morre um candidato da Arena. Na cidadezinha de Cambé, PR, tiros num comício: duas pessoas mortas e outra gravemente ferida. Em Floriano, PI, tiros e correria numa passeata. Por que tanta guerra pelos votos de novembro?

—§—

Trecho de um poema do deputado federal Gióia Jr., da Arena-SP,

em homenagem a Jesus Cristo:

"Disse-me um poeta um dia/ fazendo referência ao Mestre amado:/ o berço que Ele usou na estrebaria/ por acaso era Dele? — Era emprestado./ E o manso jumentinho/ em que em Jerusalém chegou montado/ e palmas recebeu pelo caminho/ por acaso era Dele? — Era emprestado./ E o pão — suave pão —/ que foi por seu amor multiplicado, / por acaso era Dele? — Era emprestado."

Título do poema: Nada era Dele.

—§—

Apelo de Olavo Leite Bastos, o Kafunga, ex-goleiro do Atlético Mineiro, candidato a vereador pelo MDB de Belo Horizonte: "Façam alguma coisa por mim até o fim do ano".

—§—

Está nascendo um livro sobre o ex-presidente Juscelino Kubistchek, falecido recentemente. Seu autor é Kleber de Almeida, repórter político do Jornal da Tarde.

—§—

Do discurso que o deputado Nadir Kenan, do MDB, pronunciou esta semana na Assembléia Legislativa:

—Tenho em meu poder, sr. presidente e nobres srs. deputados, nomes de todos aqueles que dividem suas atividades entre o sacerdócio da imprensa "sadia" e os cofres do erário estadual. Se necessário, ou caso haja interesse, poderei citá-los numa próxima intervenção.

Ora, deputado, o que está esperando para publicar os nomes? PI, tiros e correria numa passeata.

434-0008



Um telefone para desesperados.

434-0008.

Suicidas em potencial, desesperados em geral, problemáticos ou até mesmo solitários podem usar esse telefone. De outro lado da linha, todo dia das 4 da tarde às 10 da noite haverá alguém disposto a dar alguns conselhos, e como eles mesmos dizem, "algumas palavras de conforto, amizade e muito amor".

Lá funciona o Centro de Valorização da Vida, uma entidade beneficente particular, que tem como slogan "Lutar pela vida ainda é o melhor negócio".

Sua sede fica na rua Cândido Rodrigues, 291, 2.º andar. É um conjunto de três salas pequenas — uma para recepção, com 3 cadeiras e um abajur, uma para atender as pessoas mais nervosas, com apenas um sofá e uma com arquivo, uma mesa pequena e um telefone: o 434-0008.

As pessoas que atendem o telefone e dão os conselhos, e que são chamadas de "plantonistas", são voluntários treinados especialmente para isso. Geralmente, dedicam duas horas e meia por dia, dois dias por semana, a esse trabalho. De graça, naturalmente. E quando podem, ainda contribuem para manter o CVV, com contribuições em dinheiro.

Os voluntários não gostam muito de comentar particularidades sobre o seu trabalho, porque consideram o diálogo que mantêm com as pessoas que procuram o Centro "muito confidencial", e fazem questão de manter um certo segredo. Também não citam números sobre a média diária de atendimento, nem dão indicações sobre os tipos de problemas que são chamados a resolver.

Um deles, Caio Fraga, um homem aparentemente fechado, alto, de uns 35 anos, que vem de São Paulo (ele trabalha no CVV de lá) uma vez por semana para dar plantão aqui revela que "o movimento está sendo muito bom", o que tanto pode significar que há muitas pessoas com problemas, ou que muitos problemas estão sendo resolvidos.

O atendimento do CVV não é feito apenas por telefone. Às vezes eles convidam a pessoa que telefonou para passar por lá, conversar pes-

soalmente com os plantonistas. Só os casos mais graves de suicídio iminente, por exemplo, — são registrados numa ficha para receber cuidados maiores.

Em São Paulo, o CVV existe há 16 anos, e sua criação foi inspirada num trabalho semelhante realizado por uma entidade chamada "Samaritanos", de Londres, pioneira no atendimento por telefone.

— Em São Paulo, explica Caio Fraga, o centro funciona 24 horas por dia e já conta com 100 plantonistas. Das 3.500 pessoas atendidas, somente 5 chegaram ao suicídio, e isso porque fugiram ao controle do Centro.

Em Jundiaí, há 20 plantonistas, homens e mulheres, de várias profissões, classes sociais, idades e crenças religiosas. Todos eles preferem manter um certo sigilo em torno de si mesmos, para evitar que seu trabalho "seja prejudicado".

Para o trabalho de prevenir suicídio, o CVV acredita que o principal é saber identificar os sintomas dos suicidas potenciais. Às vezes esse sintoma não são notados, ou não são levados a sério. Geralmente são estes: falar muito em suicídio, referir-se a uma pessoa já falecida, mas muito querida, mostrando preocupação com relação ao estado em que ela se encontra "no outro lado da vida", o desinteresse por um hobby, o afastamento dos amigos, do interesse por novas amizades.

O CVV pede que se você tiver um amigo nessas condições, procure encaminhá-lo para lá, porque eles acham que "a vida é maravilhosa, mas que muitos problemas fazem com que as pessoas desanimem, precisando assim de valorização para continuar a lutar".

Das pessoas atendidas pelo CVV, cerca de 10% sofrem de doenças mentais. Para auxiliá-las, essa entidade criou uma clínica para doentes mentais, a Clínica de Repouso Francisca Júlia, que fica em São José dos Campos, e já tem 125 internados; o atendimento é gratuito.

O CVV tem ainda um lar para crianças orfãs, o Lar Esperança, onde seis crianças ficam sob a responsabilidade de um casal.

Também em São José

dos Campos foi criado a Casa Jesus Gonçalves, para crianças deficientes mentais. Elas, apesar de não serem órfãs, precisam de um tratamento que suas famílias não têm

condições de oferecer.

Para manter isso, o CVV tem um convênio com o Governo do Estado e outras autarquias. Atualmente o CVV tem sede em São Paulo,

Porto Alegre, Santo André, Jundiaí, e futuramente em Goiânia, prometendo ainda se espalhar em todas as capitais do Brasil e também em outros países.

EMPREGOS & OPORTUNIDADES

NA FILOBEL

AUXILIAR DE ALMOXARIFADO

ELETRICISTAS DE MANUTENÇÃO

HOMENS PARA SERVIÇOS GERAIS

A Filobel oferece assistência médica extensiva aos familiares, condução, lanche gratuito, convênio com supermercado e farmácia. Além de ótimos salários e prêmio por produção. Horário para os interessados: das 8:00 às 16:00 horas, de 2a. a 6a. feira.

O endereço é: Filobel, rua Bom Jesus de Pirapora, 2960.

NA SIFCO DO BRASIL S/A

MECÂNICO DE MANUTENÇÃO — Com conhecimentos em manutenção geral.

ELETRICISTA — Com experiência em instalação e manutenção de máquinas.

ENCANADOR — Com experiência em área industrial (rede hidráulica)

TORNEIRO MECÂNICO — Com experiência anterior.

MECÂNICO DE MÁQUINAS OPERATRIZES — Com experiência anterior.

FRESADOR — Com experiência em fresa vertical, universal ou copiadora.

VIGIA — Com primário completo.

AJUDANTE GERAL

A Sifco oferece:

Remuneração compatível com a natureza e importância do cargo em amplo plano de benefícios envolvendo assistência médica, hospitalar, dentária e social extensiva aos familiares. Convênios com supermercados e farmácias.

Os interessados deverão comparecer à av. São Paulo, 697 — Vila Progresso — Seção de Recrutamento e Seleção.

NA KRUPP

AFIADOR DE FERRAMENTAS

AJUSTADORES

FRESADORES

AJUSTADORES FERRAMENTEIROS

FRESADORES FERRAMENTEIROS COPIADORES

INSPEÇÃO DIMENSIONAL FINAL

MANDRILHADORES

MECÂNICOS DE MANUTENÇÃO

MODELADORES

OPERADORES DE PONTE ROLANTE

PIROMETRISTA

TORNEIROS FERRAMENTEIROS

TORNEIROS DE MATRIZES

A Krupp oferece reais oportunidades de progresso profissional, aliado a interessante programa de benefícios, próprio de organização de porte.

Os interessados deverão comparecer:

1. Em Jundiaí, na rua Vigário J.J. Rodrigues, 815, de 2a. a 6a. feira, das 8 às 11 horas;
2. Em Campo Limpo Paulista, na Seção de Seleção de Pessoal da Empresa, de 2a. a 6a. feira, das 8 às 16 horas.

NA PRELL S/A

FOGUISTAS PARA FORNO HOFFMANN

Os interessados poderão apresentar-se em nossos escritórios à Variante para Itatiba km 62 — Via Anhanguera km 61, neste município no horário comercial, de segunda à sexta-feira.

ATENÇÃO

Esta seção publicará gratuitamente anúncios de empregados que estejam oferecendo serviços. Basta trazer os dados à rua Senador Fonseca, 1044, redação do "Jornal de 2a."

GENTE FINA

OS TEIXEIRA COELHO SARAIVA E LORZA LADEIRA GRIFARAM A NOITE NO DIA 24 P.P. COM RECEPÇÃO EM GRANDE ESTILO. MARIA ELIZABETH E CLÁUDIO:



Padrinhos da noiva.



Padrinhos do noivo.

VESTIBULAR

Faculdades "PADRE ANCHIETA" de Jundiá
rua marciólio dias, 299
fone, 434-1763

ECONOMIA - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CIÊNCIAS CONTÁBEIS - LETRAS: português / inglês (licenciatura plena)
CIÊNCIAS - DIREITO - PEDAGOGIA: administração escolar 1.º 2.º graus e magistério

INSCRIÇÕES: ABERTAS

EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO/77





Constatações, apenas.

Há algumas constatações que, realmente, são inevitáveis:

1 — antigamente, os mercados eram expulsos do templo: hoje eles têm muito mais força: se for preciso, eles é que expulsam o templo.

2 — aquelas pessoas que costumam dizer "eu cheguei até aqui foi graças ao meu esforço", geralmente merecem estar ali.

3 — consta que Hitler fazia a barba todos os dias: já o mesmo não acontecia com Jesus Cristo. Mas isso também não quer dizer nada. É que naquele tempo a platina plus não podia fazer merchandising porque a Rede Globo ainda não tinha sido inventada.

4 — se é lícito acreditar que avenidas de 4 pistas diminuem a mortalidade infantil, também é lógico deduzir que não há nada como um viaduto para diminuir a incidência de bócio endêmico. E para os casos de impudismo, recomenda-se lâmpadas a vapor de mercúrio.

5 — aquelas pessoas que costumam dizer que o voto deveria ser direito exclusivo "das pessoas que têm algum nível cultural", evidentemente detestam votar.

6 — há certos jornais que parecem acreditar que a dignidade se adquire com guias de importação da CACEX.

7 — aquelas pessoas que costumam dizer que "o povo é burro e não sabe o que quer", ou já conseguiram o que queriam ou são apenas burros.

8 — se Gerald Ford ganhou o primeiro debate e Jimmy Carter ganhou o segundo, está na cara que foi "marmelada" pra dar mais renda no terceiro.

9 — ou o campeonato brasileiro de futebol pára por aqui, ou reforma-se o alfabeto.

10 — a ética manda que o candidato não deve seduzir o eleitor com falsas promessas; das duas uma: ou alguém providencia uma lei revogando a ética, ou o eleitor passa a seduzir o candidato com falsos votos.

11 — quando Juscelino Kubstich morreu, nove entre dez telespectadores da Globo foram induzidos a pensar que ele foi um motorista da Cometa.

12 — aquelas pessoas que costumam dizer que "favela é sinônimo de progresso", ou "poluição é sinônimo de progresso", geralmente merecem o progresso.

13 — se é lícito acreditar que um sistema viário faz o futuro de uma cidade, feliz 2.097 para todos.

14 — a única diferença entre Goebbels e os publicitários atuais é que o produto que ele vendia não podia ser comprado em suaves prestações mensais.

15 — aquelas pessoas que costumam dizer "eu não sou racista", se não fossem, não precisariam usar essa frase para tentar convencer ninguém de que não são racistas.

16 — Os moralistas que vetam filmes, ou livros ou peças porque "atentam contra a moral" e os bons costumes" na maioria das vezes são tão hipócritas que, como diria José Américo de Almeida, se tivessem um olho de vidro, ele verteria lágrimas.

E mais haverá, se houver, algum dia.

Sandro Vaia

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

disque:

434-2759

PLANTÃO



I

Retorno de Campo Grande e seus 33 graus pensando no caso Ludinho — o filho único de 20 anos, cujo pai possui uma das maiores fortunas do país. É certo que o jovem derivou, em certos tempos, para o uso da cannabis sativa, L; que interrompia bailes entrando nos salões de motocicleta (fez isso até numa Igreja, de certa vez). Como é certo também que sua vida foi bruscamente interrompida com dois tiros de revólver, calibre 38, pois seus sequestradores — dois tenentes da Polícia Militar matogrossense, suas respectivas mulheres e um advogado — desistiram dos 6 milhões de cruzeiros pelo resgate e o eliminaram "por razões de segurança".

É um caso para se pensar. Na semana anterior, o semanário "Veja" se referia ao caso da Rota-120 (comentado aqui no "Plantão"), como algo inserido nas "páginas menos nobres dos jornais". Por sinal, páginas avidamente cozinhadas (como se sabe, "Veja", suga muitas matérias dos jornais, inclusive aquelas que, segundo ela, saem nas páginas "menos nobres"; depois, a revista pontifica sobre o assunto, pairando sobre as demais publicações como se habitasse o Olimpo dos deuses).

No caso Ludinho, preparei algumas páginas "menos nobres", segundo a concepção de Veja e nem por isso o semanário da Editora Abril deixou de extrair das minhas matérias, no "Jornal da Tarde", o conteúdo principal para a sua pontificação semanal. Mas vamos ao que importa, tanto para os sumos pontífices de Veja como, principalmente, aqueles que, aqui no Jornal de 2a., me honram com a sua atenção.

Os sequestradores-assassinos seriam anormais? Seriam "paranóicos"? Aí é que está: dolorosamente, a resposta é não. Categoricamente, não. Por que Ludinho foi morto com um tiro na têmpora direita e outro entre a boca e o nariz? Porque poderia identificar Aramis, um dos sequestradores. E também porque toda a atenção do País se convergiu para Campo Grande e, rápida (e inesperadamente, para os tenentes) e comando das investigações ficou a cargo do delegado Sérgio Fleury, titular da Delegacia de Ordem Social do DEOPS de São Paulo, e sua numerosa equipe.

Então, vejam bem: foi tudo racional. Não houve absolutamente nada de irracional. Foi cálculo cuidadoso. A ganância, como comentei aqui na semana passada, levou diretamente a esse crueldade a sangue frio. E como diria o mestre Werthan, "quem disser que ganância excessiva é doença mental, em nossa sociedade, não conhece essa sociedade; terá lido Freud, esquecendo-se de Balzac".

II

No quarto 502 do Hotel Campo Grande, fazendo a barba, o delegado Fleury me confidenciou alguns dos chamados "pulos-de-gato" — designação que dá aos métodos que costuma adotar e que são a razão principal de seu sucesso em certas operações policiais. Obviamente, são "pulos-de-gato" que não podem ser en-

sinados, para que a surpresa da ação possa evitar, no futuro, o sacrifício de vidas como a de Ludinho. Mas Fleury não esconde que decidiu reformar, por conta própria, aquela máxima de jurisprudência, que diz in dubio pro reo. Em operações desse tipo, como investigações sobre sequestros, Fleury diz: "in dubio pro Polícia".

III

No próximo dia 15, surge uma nova sigla policial em São Paulo: "Garra". Trata-se de um Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos. Apesar da heresia jurídica (o assalto não tem configuração, e sim o roubo, previsto pelo artigo 157 do Código Penal), o objetivo da atuação desse grupo é dos melhores. Entusiasmado com a idéia, o secretário da Segurança Pública, coronel Erasmo Dias, conversou longamente comigo sobre a "Garra".

Erasmo não esconde que não está mais satisfeito com a média de 25/30 assaltos diários. É verdade que esse número, anos atrás, chegava a 80 e mesmo 100 — mesmo com a atuação de uma sociedade sceleris denominada "Esquadrão da Morte" (Replay: a entidade, parcialmente misteriosa, não fazia a discutível profilaxia social que arrotava, limitando-se a locupletar-se com polpudas quantias, já que defendiam à bala os traficantes ligados a um certo Juca, consequentemente mantendo aqueles que pertenciam ao grupo rival, liderado por Miroca).

Assim, acredita o secretário da Segurança, a Garra poderá contribuir para fazer baixar ainda mais o número de assaltos, sendo reservada para casos de maior vulto e repercussão. Vinculada ao DEIC, esse Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos terá condições de se deslocar rapidamente para qualquer ponto da cidade e, conforme o caso, assumir o comando das investigações — incluindo capturas, buscas, apreensões, etc.

O secretário da Segurança está entusiasmado, também, com o valor da prova técnica. Assim, em fins de 1976, vemos que a Polícia, finalmente descobre o ovo de Colombo: é mais produtivo partir do fato para se chegar ao criminoso do que eventualmente prender o criminoso para se chegar ao fato. Daí, por sinal as eternas questões Polícia-Justiça.

Os policiais se queixam de alguns casos de absolvição: as autoridades judiciárias dizem que, com alguns falhos inquéritos que recebem, não lhes resta alternativa...

É exatamente por isso que a imaginação de Conan Doyle e seu Sherlock Holmes andando pelos becos escuros londrinos tem sentido na realidade. Vocês se lembram? Sherlock preferia a perícia em vez de violência, da alcaguetagem ou do faro, "sexto sentido" ou outro nome que se queria dar. Sim, porque a inteligência — e não a violência — permite que se penetre no mundo dos sinais, de vestígios que compõe o subjetivo pano de fundo de um crime e que fatalmente levam ao criminoso. Para muitos, estou falando em grego. Mas, felizmente, muitos já perceberam que falo em português mesmo!

Percival de Souza

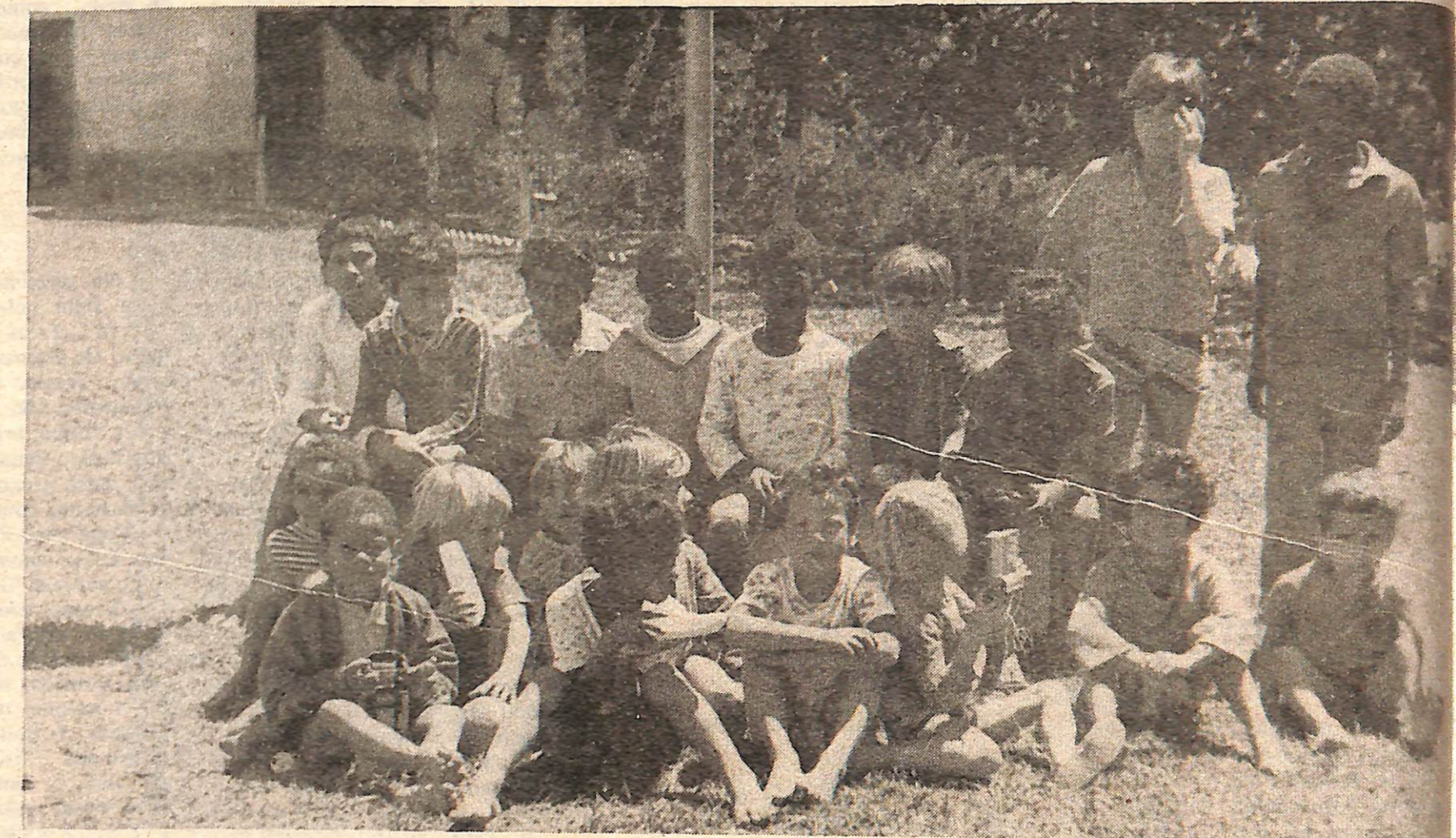
ERAM CRIANÇAS DE NINGUÉM. JÁ NÃO SÃO MAIS.

A manhã de terça-feira, dia 5, não começou muito diferente dos outros dias para as 53 crianças do Abrigo de Menores do Caxambú. Dentro do grande prédio azul e branco de dois andares, as atividades se iniciaram às 5h30. Todos acordaram, arrumaram suas camas e foram tomar toddy com pão e o que sobrou da festa de domingo.

Depois disso, os meninos de 3 a 14 anos, se dividiram: uns se arrumaram para ir à escola e o resto preparou-se para as tarefas domésticas. Lavar louça, cuidar da horta e varrer são funções que todos conhecem bem e executam a contento. Mas ninguém é obrigado a fazer nada se não tiver vontade.

Alguns dos que ficaram, um pouco mais tarde, são chamados para cortar os cabelos. O barbeiro é o responsável pelo Abrigo, José Carlos Barbosa, chamado carinhosamente pelos meninos de pai. Ele disse que "antes raspavam a cabeça, mas é meio discriminador", por isso agora só aparam os cabelos.

A esposa de José, Maria



(chamada de mãe pelas crianças), prepara o almoço, auxiliada por sua irmã e alguns garotos. Para aquele dia, arroz feijão, carne moída, mortadela e salada de verduras. O estalar das brasas do fogão a lenha se intromete, às vezes, no barulho das panelas.

Enquanto isso, outros garotos brincam e estudam. A vibração daqueles que jogam bola acaba atraindo o olhar triste de um garotinho que, isolado, catava flores e gravetos.

— Os da escola, tomar banho — A frase, gritada, ecoa por todos os cantos do Abrigo, repetida pelo menino e prontamente obedecida.

O grupo que fora à escola retorna por volta das 11 horas. Lava as mãos, tira os sapatos e coloca as sandálias havaianas que estão atrás das portas. Em fila, todos vão a seus lugares no refeitório, dão-se as mãos, rezam e se sentam. Logo, os 34 pratos estão vazios e a maioria repete. Depois, é a vez dessa

turma trabalhar.

Após o almoço, a chuva não deixou que ninguém saísse ao pátio, então estenderam cobertores no chão e ficaram assistindo à televisão. Os desenhos animados, novelas e até os comerciais são vistos com atenção, único consolo para a tarde chuvosa. Às 15 horas, o lanche é servido. Defronte à televisão as crianças ficam até 19 horas, quando os pequenos sentem sono e aqueles que têm aula de manhã precisam fazer as

lições de casa.

Os pais aconselham a evitar perguntas sobre a época antes das crianças irem para lá. É que agora têm uma nova vida, quase sempre antecedida pela miséria. A atenção deles para com os meninos é muito grande: ensinam a dizer as palavras corretamente e iniciam os menores nos estudos. E fazem carinho, dão consolo.

Toca o telefone e José atende. Por causa da Semana da Criança, eles darão um passeio no Parque Comenda;

Ela já existe!

Crianças festejadas em casa e na escola, crianças trabalhando nas ruas sem nem mesmo saber que existe o dia delas. Esse é o quadro contraditório da sociedade cheia de contradições em que vivemos.

Mas, separando esses dois palcos, existe o entre-ato de lares onde nada acontece no "Dia da Criança", além da expectativa de continuar tentando "encomendar o nenê". São lares de casais que ainda não conseguiram realizar o sonho do primeiro filho.

"Se eu tivesse recursos, trabalharia nesse sentido. Desde que eu possa ajudar um casal, o meio justificará o fim", São palavras do médico dr. José Roberto Soares de Camargo a respeito da inseminação artificial, um caminho que poderia livrar muitos casais da frustração de não se perpetuarem num filho.

Pai de três crianças, o dr. José Roberto Camargo

exerce a função de ginecologista no Hospital Santa Elisa. Ele, que acompanha o dia-a-dia do desenvolvimento da vida intra-uterina de suas pacientes.

"Quem já notou a alegria da mulher que recebe o resultado dos primeiros exames para constatação da

gravidez, pode imaginar a tristeza dos casais que não conseguem ter um nenê. Eu mesmo me comovo quando faço exames de rotina, como auscultar a pulsação do coração de um minúsculo ser de apenas três meses de vida", afirma o dr. José Roberto.



Ela vai nascer!

Na residência de Wanda de Camargo Cundare existe a expectativa de se comemorar o Dia da Criança festejando a chegada do primeiro filho, prevista pelo médico da família, dr. Carlos Miksche, para esta semana.

Casados há apenas dez meses, Wanda e Daiê Camargo já haviam planejado ter o bebê tão logo pudessem e agora estão torcendo para que a previsão aconteça realmente.

"Pra mim, tanto faz que seja menina ou menino. O importante é que tudo corra bem", diz Wanda. E para que tudo corra bem, ela tem segui-

do fielmente as indicações do seu ginecologista, desde o início da gravidez.

Wanda diz que está passando "por uma fase maravilhosa, desde o quinto mês de gestação, quando comecei a sentir os





SOMOS CRIANÇAS DA RUA



Égano Pereira da Silva é um menino alto, simpático e que parece ser consciente daquilo que faz. Tem apenas 13 anos e estuda no Colégio Estadual de 1.º Grau Dr. Eloi Miranda Chaves, onde cursa a 3.ª série.

Para ele, a melhor coisa é poder ajudar a mãe, cuidando dos carros estacionados no centro da cidade.

Ele consegue uma média de 40 cruzeiros diários, e para isso trabalha das duas às seis da tarde, procurando no resto do tempo que lhe sobra, tomar conta de suas seis irmãs menores, porque seus pais trabalham fora.

"Às vezes — disse — largo o serviço e vou jogar futebol com os meninos que também trabalham aqui. Apesar de ter outros brinquedos não me importo com eles, eu gosto mesmo é de jogar bola".



Fernando Gordo, de 11 anos, trabalha como guardinha há dois meses e aponta como a principal razão, a necessidade de ajudar sua mãe. Ele não tem pai e sua família vive da pensão deixada pelo pai e das suas gorjetas diárias.

Reunindo todo o dinheiro, disse que chega a atingir uma média de 30 cruzeiros, melhorando bastante nas sextas-feiras e nos sábados, quando atinge 60 cruzeiros. Fernando vai para a praça às duas e fica lá até às seis da tarde. Quando chega em casa, divide o dinheiro que arrecadou.

Ele não acha pouco o seu tempo para trabalhar e estudar e afirma que sabe dividi-lo: "uma coisa não atrapalha a outra". Gosta muito do que faz, e isso "não é só pela renda monetária, é também pela companhia dos outros garotos".



João Luciano dos Santos enfrenta, desde criança, muitas dificuldades. Para tentar superá-las ele trabalha há um ano como guardinha geralmente na praça do Fórum, que é o seu setor.

Ele tem apenas 11 anos, e disse que ganha um mínimo de 20 cruzeiros diários chegando nos dias melhores a 50 cruzeiros. Cursa, pela manhã, a 5.ª série do Grupo Escolar de 1.º e 2.º Grau Siqueira de Moraes, logo depois do almoço vai trabalhar, como fazem sete dos seus irmãos, pois todos são responsáveis por uma despesa da casa.

Como não pode comprar brinquedos, ele empresta a bicicleta de um de seus amigos para poder brincar nos fins de semana. Quando não faz isso, ele pega a bola, único brinquedo e convida os amigos para jogar futebol, o que diz fazer muito bem.



Existem trinta e sete meninos trabalhando na Praça Governador Pedro de Toledo como engraxate. Um deles, Enídio Gonçalves da Silva, de 11 anos, disse que esse serviço é muito importante para ele, pois coopera com seus 20 a 40 cruzeiros diários nas despesas de casa, que são bem grandes. Lá são em oito irmãos e apenas um não trabalha, por ser muito pequeno ainda.

Ele estuda de manhã das 7h40 às 12 horas, no Ginásio Estadual de 1.º Grau Adoniro Ladeira, onde cursa a 4.ª série. Depois, vai para a praça, ficando até às quatro ou cinco horas, dependendo do movimento.

Ele disse que não lhe sobra tempo para brincar, porque quando chega em casa procura estudar um pouco a matéria da escola, podendo se divertir um pouco somente nos fins de semana.



Doze anos, baixinho e muito vivo. São as características de Mauro Rodrigues, que é guardinha no centro há mais ou menos três meses.

Como os outros, Mauri ocupa o dinheiro que recebe nas despesas de sua casa. Ele ganha cerca de 30 cruzeiros por dia, chegando nos dias de maior movimento, que são os fins de semana, a 60 cruzeiros.

Seu horário de serviço é das duas e meia até às cinco ou seis da tarde, frequentando durante o período da manhã, a 5.ª série do 1.º grau na Escola Estadual Adoniro Ladeira, na Vila Hortolândia.

Com o tempo que lhe sobra, pega a bola e a bicicleta e sai para brincar com os amigos. Para ele bastam esses dois brinquedos, mas mesmo assim, de vez em quando ganha um ou outro de algum parente.



ZONA FRANCA

OS CABOS ELEITORAIS DO MDB



"Toda semana solto dois cruzeirinhos para ter em mãos o Jornal de 2a., e gosto muito da "Zona Franca", e de tudo o que esse jornal nos dá em suas colunas.

Por falar em "Zona Franca", devo dizer que gostei da carta que um sr. que omitiu seu nome e que descobriu muitos cabos eleitorais do MDB na rua Carlos Gomes escreveu a esse jornal, pedindo providências como arenista que é". Jundiaense muito triste

Caro jundiaense triste, só um reparo: o leitor que falou dos "cabos eleitorais do MDB" (buracos) referia-se à rua São Pedro, e não (incrível: avisaram-nos que esses "cabos eleitorais" já foram banidos da rua) à Carlos Gomes. Resumimos sua carta, como o sr. pode notar, por motivos óbvios. De nada.

MOTORISTAS: A SUGESTÃO DO LEITOR

"Tenho lido muitas notícias a respeito de auto-escolas, carteiras de motorista amador, etc. Sempre quis fazer esta sugestão mas só agora é que resolvi escrever. E para o Jornal de 2a. - Feira, é claro, porque tenho acompanhado a evolução de vocês e sinto uma preocupação evidente, por parte desse jornal, de prestar serviços de utilidade pública à Jundiaí.

A idéia que vou expor não se relaciona apenas com Jundiaí é de interesse geral, creio eu. Trata-se do seguinte: acho que um item importante deveria ser incluído no currículo das auto-escolas, tanto nas aulas para candidatos a motoristas profissionais, como amadores - orientação em caso de incêndio no automóvel. Costumo viajar pelo interior e, às vezes, deparo com um ou outro caso desse tipo, em que o dono do carro e mesmo outros motoristas não se prestam a dar ajuda não têm o menor controle para enfrentar a situação. Como agir num desses casos?

Não é bom tema para as auto-escolas? Elas poderiam até tomar a iniciativa de, ao serem preparadas as turmas

que tirarão suas cartas, convidar alguns especialista no assunto para dar essa orientação". Paulo Ducan

Fica aí a sugestão. Quem se habilita?

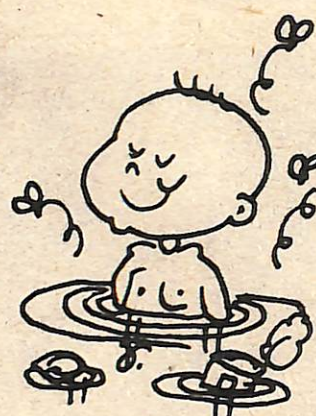


HAJA SACROSSANTO

Sr. "Não é que eu queira ser boateiro. Não é que eu pretenda agitar nada. Não é que eu seja fofoqueiro. Mas seria interessante que vocês explicassem, de uma vez por todas, se o "Jornal de 2a." vai continuar existindo, ou se ele realmente vai fechar depois das eleições do dia 15. A resposta oficial desse órgão da imprensa..." Cássio P. Cardinalli.

Cássio, meu filho, este órgão vai ficar em pé por muitos e muitos anos, até o dia em que pessoas não-boateiras e não-fofoqueiras param de encher o nosso sacrossanto tempo com cartas como a sua. Depois a gente fecha, só pra contrariar a expectativa.

AS CRIANÇAS BRINCAM NA ÁGUA SUJA



Há uns dois meses, a Prefeitura colocou guias na rua Anita Garibaldi. Seriam os primeiros passos para o calçamento.

Acontece que além das obras ficarem na promessa, as guias jogadas sobre os bueiros, estão causando um sério problema: a água traz consigo um amontoado de detritos e fica estagnada. Como consequência, temos um foco de ratos, baratas e pernilongos.

Mas o mais triste de tudo é ver as crianças brincando nesse "laguinho".

A queixa foi feita a um outro jornal, mas não saiu nenhuma publicação.

Guerino Santo

DÚVIDA SINCERA

"... Se publicarem, é porque realmente desejam ajudar esta terra a melhorar, valorizando mais os que nela vivem. Caso contrário, fica a minha dúvida sincera. O Sabidão.

Fica também a nossa dúvida sincera, Sabidão, como explicamos numa de nossas edições anteriores, aceitamos críticas anônimas ao nosso jornal, mas quando se trata de denúncias e críticas envolvendo terceiros, a Redação precisa confirmar a autenticidade das cartas. O sigilo quanto ao nome do remetente são garantidos pelo jornal, mas é preciso confirmar a autenticidade.

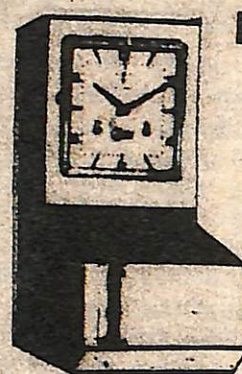


Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 6-1541

COMÉRCIO DE COUROS
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 - 60,00
Bola futebol n.º 2 - 74,00
Bola futebol n.º 3 - 97,00

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone 4-2253

CECCATO
O mecânico de seu carro
Rua Dr. Antenor Soares
Gandra, 140
Fone 6-4522



RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTDA

BARAO-427 FONE-6-8231

ESTRUTURAS METÁLICAS

PROJETO - EXECUÇÃO - MONTAGEM

Plataformas - Estruturas Leves e Pesadas
"Shed - Duas Águas - Arcos"

Zomignani & Cia. Ltda.



ESCRITÓRIO JUNDIAÍ:
PRAÇA GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO, 24
CAIXA POSTAL, 801 - FONE, 6-5441

EXTRA! O ano vai ter 64 semanas!



Durante o mês de outubro, quem fizer uma assinatura anual do "Jornal de 2a." recebe mais 3 meses de jornal, absolutamente grátis.

Ou seja, você assina 1 ano e lê 1 ano e 3 meses. Um excelente negócio, pelo mesmos Cr\$ 120,00 da assinatura normal.

Esta promoção só é válida até 31 de outubro.

JORNAL DE 2a.
Rua Senador Fonseca, n.º 1044
telefone: 434-2759

SESI: UM CENTRO PARA 162 MIL BENEFICIÁRIOS

O Sesi de Jundiaí com seu novo Conjunto Educacional, Assistencial e Esportivo, terá melhores condições de atender seus 162.000 beneficiários, todos dependentes direta ou indiretamente da indústria.

O terreno para essa construção foi doado na gestão de Walmor Barbosa Martins. O Sesi já construiu esse tipo de conjunto em 11 outras cidades do Estado.

Segundo o superintendente em exercício de Jundiaí, Luiz Geraldo Basile Lacerda, esse conjunto melhorará muito o atendimento, porque até agora ele tem estado descentralizado e tem sido feito em casas comuns, adaptadas.

— Esse prédio — disse — foi construído para preencher todas as necessidades, iniciando-se com ele a parte esportiva do Sesi. Antigamente fazíamos os jogos nas fábricas, o que não acontecerá agora, pois nós nos concentraremos todos nesse local”.

As crianças até 14 anos serão atendidas gratuitamente mesmo sem serem vinculadas ao Sesi e esse vínculo a pessoa adquire quando se torna operário de uma fábrica. A família toda também será beneficiada (os filhos até os 21 anos, ou no caso de serem universitários até completarem o curso).

Neste local de 400 mil metros quadrados funcionarão o centro educacional, o centro social, o centro do aprendizado doméstico, ambulatório médico e odontológico e o centro esportivo.

O centro educacional compreende 8 salas de aulas, para classes de ensino de Primeiro Grau, laboratório escolar, área coberta para recreio, com cantina para fornecimento de merenda e palco para eventuais apresentações.

Nesse setor estão também a Oficina de Formação Especial e Biblioteca Circulante.

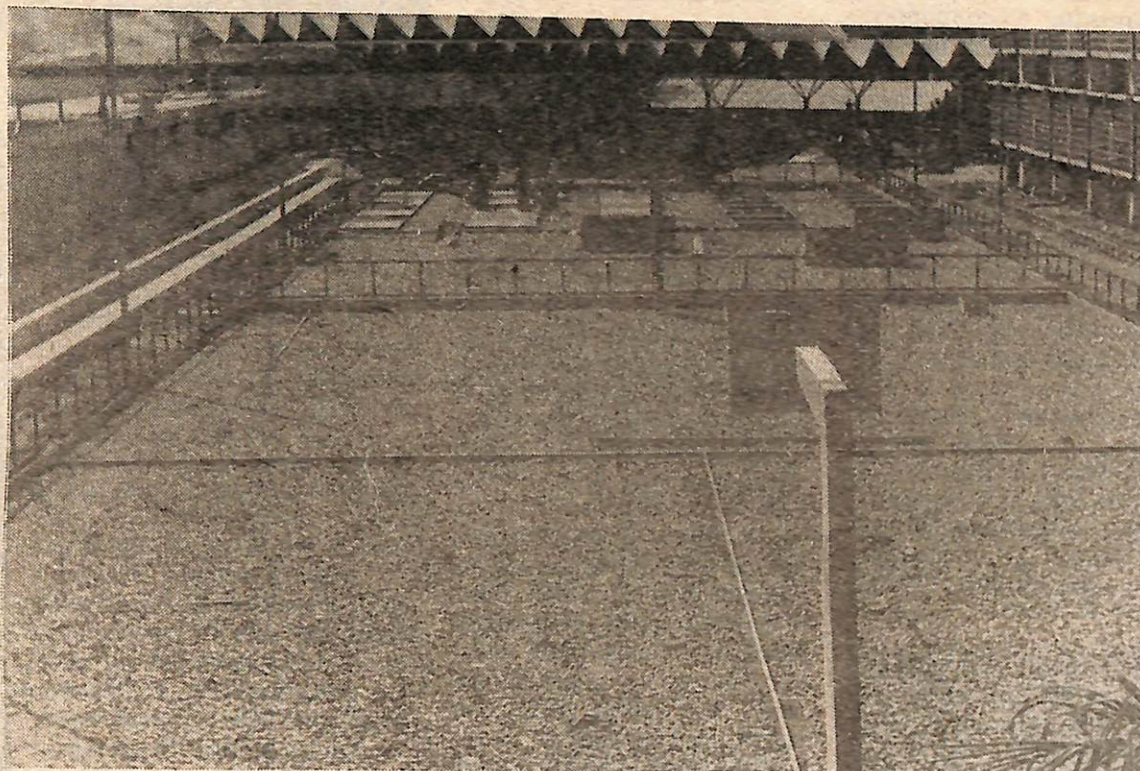
Compondo o centro social existirão salas de aulas para cursos e seminários especializados e escritório para Serviço Político. O centro de Aprendizado Doméstico será formado de 5 salas de aulas, para cursos de educação alimentar, educação para saúde, cozinha didática.

O ambulatório médico possui 9 consultórios, sala de curativos, sala de gesso, raio-x e laboratório. O ambulatório odontológico conta com 3 consultórios e serviços radiológicos.

O centro esportivo contará com 2 quadras de bola ao cesto e voleibol, 2 de futebol de salão, 2 de tênis, 2 de malha, 2 de bocha, 2 piscinas, uma semi-olímpica e uma infantil, campo de futebol e pista de atletismo.

Os interessados em frequentar o centro esportivo terão que fazer sua inscrição e marcar hora e dia certo para a prática do esporte que preferirem. Nos fins de semana o Sesi funcionará como um clube, ficando aberto das 8 às 10 horas da noite.

Para os que quiserem praticar natação, será exigido um exame médico, e o pagamento da taxa simbólica de 3 cruzeiros.



As quadras poliesportivas, quase prontas.

O Sesi — Serviço Social da Indústria — existe há 30 anos e desde então é mantido e administrado pela indústria. Os seus serviços, na área da Delegacia Regional de Jundiaí, atendem também as cidades de Atibaia, Bragança Paulista, Campo Limpo Paulista, Itatiba, Jundiaí, Várzea Paulista e Vinhedo.

Luiz Lacerda disse ainda que a inauguração oficial será provavelmente em dezembro e desta vez, aberta ao público em geral. Ela foi anteriormente apresentada aos diretores do Sesi de São Paulo, às autoridades de Jundiaí e também à imprensa no dia 17 de setembro.

CLÍNICA VETERINÁRIA JUNDIAÍ



Rua Dr. Pedro Soares de Camargo, 351
(trav. da Av. Jundiaí — prox. ao Ginásio de Esportes)
Aberto diariamente das 8:30 às 11:30 horas e das 13:30 às 18:00 horas.
Aos sábados das 8:30 às 12:00 horas.

Direção
Dra. N. Jia

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE
OS
PREÇOS
SÃO
SEMPRE
OFERTAS

R. DOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 - FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR
E ARMÁRIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 Tels. 6-4650 e 4-1489



FOTO NIEPCE

REVELAÇÕES
REPORTAGENS
POSTERS

“cores e pb”

CURSO DE FOTOGRAFIA e
FOTO CLUBE

rua benjamim constant, 216
fone 68211

jundiaí - sp

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Bela Vista — Nova, fase de acabamento, 3 dormitórios, abrigo, copa-cozinha, três banheiros, quintal. **Oferta Vilar.**

Parque do Colégio — Mansão nova, com abrigo para 2 carros, living com armário e mais um banheiro, copa-cozinha, área de serviço, dependência para empregada, aquecedor central, etc. Pode ser financiada. **Oferta Vilar.**

Rangel Pestana — Térrea, sala em "L", lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência de empregada. Cr\$ 1.300.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

Vila Liberdade — Nova, living, copa-cozinha, banheiro, dois dormitórios, área de serviço, dependência para empregada, abrigo, etc. 450 mil cruzeiros. **Oferta Ribeiro.**

Anhangabau — Térrea, dois dormitórios, abrigo, copa-cozinha, quintal. **Oferta Vilar**

Anhangabaú — Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

Parque do Colégio — Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Rua Pirapora — Casa térrea, cozinha e banheiro. Ótima localização. Preço: Cr\$..... 250.000,00 à vista. Ver e tratar à rua Pirapora, 214, (ao lado do Anchieta) na parte da manhã.

SÍTIOS E CHÁCARAS

Parque do Colégio — Excelente localização, 3.200 m2, com uma casa em construção e casa de caseiro, frente para duas ruas. **Oferta Ribeiro.**

Malota — magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivenda estilo "clássico", três dormitórios, 1 suite, vestíbulo duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$... 1.800.000,00 (977). **Oferta Central de Imóveis.**

Nova Era — chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) **Oferta Central de Imóveis**

Bairro do Engordadouro — 36.000 m2. (em frente ao Clube Jundiaense) com 3 casas simples, lago (15 x 80) pomar, etc. lugar pitoresco, Ocasão. Aceita-se casa de menor valor como parte de pagamento. **Oferta Ribeiro**

ÁREAS E TERRENOS

Rio Acima — Duas com áreas de 40.000 e 84.000 m2. A primeira só com mata e água corrente, a segunda com mata, 2 correios, casa simples, pomar e uvas. Lugar recreativo e pitoresco. Distância de Jundiaí 4 km. Ocasão. **Oferta Ribeiro.**

Área — Bem localizada, 168 m2. **Oferta Vilar.**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI



VILLAR IMÓVEIS

Praça Rui Barbosa, 60
Fones 434-0111 — 434-0222



RIBEIRO IMÓVEIS

administração
e vendas

rua Mal. Deodoro da
Fonseca, 479
tel. 6-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão
de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311



VARIEDADES

Uma semana com Liza Minelli, Giuliano Gemma e Mazaroppi.

A semana cinematográfica em Jundiaí contém Mazaroppi e Giuliano Gemma. Quer dizer: faturamento garantido, embora o filme de Mazaroppi seja reprise. Como principal novidade, "Os aventureiros de Lucky Lady", uma caríssima produção de Michael Gruskoff (10 milhões de dólares) com Liza Minelli, Burt Reynolds e Gene Hackmann, recebida com reservas pela crítica.

De 11 a 13, no Marabá, os velhos Anselmo Duarte, John Herbert e Hélio Souto continuam reclamando de que "Já não se Faz Amor como Antigamente". De 14 a 16 é que "Os Aventureiros de Lucky Lady" ficará em cartaz. Uma aventura humorística temperada de romantismo e neonostalgia que se passa no ano de 1930, um período em que a ilegalidade já tinha se tornado (e casualmente aceita como) o meio de vida americano: Claire (Liza Minelli), Kibby (Gene Hackmann) e Walker (Burt Reynolds) contrabandeam bebidas através do barco "Lucky Lady", tornando-se responsáveis por uma verdadeira "corrida do uísque". Atenção para as músicas "Get White the Gettin's Good" e "Lucky Lady", da dupla Fred Ebb e John Kander ("Cabaret"). Vale como diversão.

No dia 17 entra "Elite de Assassinos", do qual não temos a mínima informação.



Liza Minelli: "Lucky Lady"

IPIRANGA

Nos dias 11 e 12, continua "E Agora me Chamam Magnífico", filme do grupo dos desnecessários mas que certamente levará muita gente ao cinema. É com Terence Hill, que faz o papel de Thomas Moore. Ele deixa sua universidade em New England e vai para o Oeste tomar posse do rancho que o pai lhe deixará. Lá chegando, por causa de suas roupas estranhas, chama a atenção de todo o povoado. Não dá né?

Mas isso não é nada. Nos dias 13 e 14, vocês estarão às voltas com "Velocidade, Ca-

minho da Morte", com Giuliano Gemma. Desta vez ele é Ruddy Patti, um piloto de carros de corrida acusado de ter assassinado Nina, uma "fascinante jovem", segundo o folheto de divulgação do filme, com quem ele havia "tido um caso". Absolutamente desnecessário. O melhor mesmo é continuar andando. Afinal, o Ipiranga fica no caminho da Cantina. Bom Apetite.

Nos dias 15 e 16, "Meu Japão Brasileiro", com Mazaroppi. E no dia 17, "O Quarto da Viúva".

Mas não se desesperem: vem aí "O Irmão mais Esperado de Sherlock Holmes".

No começo, não era Liza. Era a filha de Judy Garland.

— Minha filha, não preciso dizer a você as dificuldades que uma vida assim você conhece bem. Não posso impedir que você faça o que lhe der vontade, e depois nem quero. Vá em frente, minha filha, e boa sorte.

Sua carreira artística começou aos 16 anos, quando a mãe, Judy Garland, deixou que ela fosse a Nova York tentar a vida por seus próprios meios. Sempre que as coisas não iam bem, Judy enviava um cheque, mas em geral não era preciso: o talento de Liza se transformava lentamente em fonte de rendas.

Depois de uma série de pequenas apresentações em boates, concertos de música popular e rápidas aparições na TV, Liza se impôs à atenção do público em 1965 ao trabalhar na Broadway, em "Flora, the Menace", peça que ficou em cartaz durante três meses.

— Nunca havia pensado em entrar para o show business. Cresci nos sets de filmagem de Hollywood e achava aquilo tudo muito monótono e cansativo. Eu havia visto desde criança o lado cor de rosa da vida das estrelas e ao mesmo tempo ia vendo o lado nada colorido. Aos 14 anos, assisti em Nova York ao musical "Bye, Bye, Birdie". Nunca tinha visto gente nova correndo assim, dançando assim e se divertindo tanto. Pensei: e deve ser bom. Daí para a frente aperfeiçoei minha dança e depois completei minha educação para musicais estudando certo, pouco antes de estreiar "Flora".

Grandes olhos castanhos, pestanas enormes, que nem precisam de maquiagem, Liza Minelli fez sua primeira apresentação no cinema quando tinha dois anos: ao lado da mãe, em "In the Good Old

Summertime". Aos sete anos, dançou no palco do Palace Theatre de Nova York, onde Judy se apresentava. Aos 14, participou da peça "O Diário de Anne Frank". Começou efetivamente no cinema em 1966, com "Charlie Bubbles", depois fez "Os Anos Verdes" e "Dizem que me Amas, Hunie Moon". Mas foi a partir de "Cabaret" que ela passou a ser conhecida mais como Liza Minelli do que como "a filha da atriz Judy Garland".

Veio ao Brasil em fevereiro de 1974, para uma apresentação de três dias no Hotel Nacional. Quatro mil e oitocentos ingressos a Cr\$... 300,00 cada. Só para a promoção, o hotel gastou Cr\$... 1.200 mil. E, ao contrário de outras artistas que vêm ao Brasil, não incluiu nenhuma música brasileira nos seus shows, "para não ensinar padre nosso ao vigário".



Jornal do Disco

PAULINHO NOGUEIRA
SE REENCONTRA NA
"ANTOLOGIA DO VIOLÃO".

O cantor-compositor Paulinho Nogueira inaugura a nova série "Antologia", que a Phillips está lançando especialmente para gravações de grandes instrumentistas brasileiros. Com um LP que o autor de "Menina" define como "um reencontro com o violão":

— Esse disco, por incrível que pareça, me trouxe de volta ao instrumento. Não que tenha me afastado dele, pois isso nunca aconteceu. Mas é que, de um tempo para cá, tenho me dedicado mais à minha carreira de intérprete e compositor. Tanto que os meus alunos de violão hoje estão tendo aulas com minha mulher e filha, professoras da maior competência.

O título do LP é "Antologia do Violão". Um trabalho que, segundo Paulinho,

"não se limita apenas ao disco"

— Depois de gravado é que eu pude perceber exatamente o seu potencial didático. E fiquei tão entusiasmado que vou aproveitar para reiniciar alguns cursos baseados no disco, paralelamente ao show que estou elaborando, contando as origens do violão e a história de sua chegada ao Brasil até os dias de hoje.



LADO A

Chico Buarque e Milton Nascimento vão gravar juntos. A música, "Dona Flor", feita para o filme de Bruno Barreto, será incluída no novo LP de Chico, a ser lançado ainda este mês: Anotem o nome de uma das faixas: "Meu caro amigo".

Está saindo na Inglaterra o novo disco de Bob Dylan, com gravações feitas durante seus shows nos Estados Unidos, realizados este ano. O nome do disco é "Hard Rain", e ele estará logo sendo lançado aqui no Brasil.

Dilermando Reis acaba de comemorar quarenta anos de violão. Em sua homenagem, a Continental lançou um álbum com as melhores músicas de Dilermando. "O violão de Dilermando Reis", é o título do LP, que já pode ser encontrado aqui em Jundiaí.

A cantora e compositora Patty Smith já está com seu segundo LP sendo lançado no Brasil. Nome curioso: "Rádio Etiópia".

"Wings of Love" é o título do novo LP do velho conjunto "The Temptations" um disco que pode agradar a dois tipos de público: de um lado, música para dançar; de outro, música para os "jovens enamorados" se é que eles ainda existem.

LADO B

Bem que as gravadoras poderiam pensar mais nos consumidores e caprichar menos nas capas dos discos. A maioria dos álbuns vem com um aparato que só encarece os discos (um LP hoje está por volta de Cr\$ 65,00, Cr\$ 70,00). O exemplo dos argentinos deveria ser seguido aqui: as capas simples, discos de boa qualidade e bons preços.

Está no boletim da Sociedade Independente de Compositores e Autores de Musicais (SICAM): o compositor brasileiro que mais faturou em direitos autorais no ano passado foi Benito de Paula. Ele recebeu o título de direito pela execução de suas músicas em emissoras de rádio, TV e capas de diversões, a quantia de Cr\$... 661.472,74. Aliás, essa lista dos que mais faturaram mostra que os lançamentos comerciais são um bom negócio. Em segundo lugar está Jocaí, com Cr\$ 410.667,28.

Título de uma das músicas do novo LP de Luis Ayrão, para a Odeon: "Bola pra Frente". Homenagem a Elza Soares e Garrincha...

O novo LP de Lou Reed pode ter problemas com a liberal censura inglesa, comenta-se em Londres, porque uma das músicas é definida pelo próprio cantor como "uma ode à masturbação".



ELIS

"VOU VIRAR UMA CARMEN MIRANDA OU DALVA DE OLIVEIRA"

No camarim de "Falso Brilhante", o ambiente era festivo. Comemorava-se a compra de uma blusa para a atriz Lígia de Paula. Elis reclamava ter passado horas na manicure. Contando progressos de seu filho caçula, despida de estrelismos, concedeu essa entrevista a nossa repórter, tentando desmistificar o artista.

J2a. — Como você vê o sucesso desse show?

Elis — Comecei esperando um mínimo de retribuição. O show é recordista em permanência de cartaz. Isso é bom, mas por outro lado a responsabilidade aumenta com o nível de exigência.

J2a. — O teatro por ser repetitivo, satura?

Elis — Seria repetitivo se não houvesse um trabalho de preparação. Continuamos nos encontrando e falando sobre o espetáculo para que o saco cheio não pinte. Mais importante é a opção por um trabalho que foi bem recebido mas que seria marginal.

J2a. — Por que um marginal?

Elis — Por não compactuar com um sistema de como se comporta um super-astro. Não aparecendo em tv, fazendo pouca concessão. Mas consegui me impor e confirmar uma série de coisas. A opção feita foi gratificante.

J2a. — Como se consegue descobrir e lançar novos compositores?

Elis — Vivendo desse esquema "marginal" tenho mais possibilidade. As pessoas só se desenvolvem quando se sentem oprimidas pelo meio. O lançamento de artistas, não de gravadoras mas de edição de discos, é um sistema quase mafioso em cima do pessoal que faz música.

J2a. — Por que você coloca nesses termos?

Elis — Quando um cara faz uma música, ele "faz" a música, quando edita ele "cede" os direitos. A música deixa de ser dele. Quem é dono de uma editora manda na música do cara e (palavrão)... montes prá ele.

J2a. — Qual sua posição diante disso?

Elis — Procurar o máximo de inovação. Não quero passar para a história. Quero fazer a história. Faltamente vou virar uma Carmen Miranda ou Dalva de Oliveira mas nesse momento não me preocupo.

J2a. — E os que gravam só para vender, sem se importar com a qualidade?

Elis — Trazem sérios problemas. É a chamada "onda de samba que invadiu o país". Há uma enorme diferença entre Benito de Paula e Nelson Cavaquinho. Nunca cantarei músicas de Benito e cantarei quantas existirem de Nelson.

J2a. — Você vende muitos discos?

Elis — Não. Aconteceu de eu vender duzentos mil quando gravei com Jair. Minha vendagem oscila entre quarenta a setenta mil discos.

J2a. Ficou a impressão de que nossa música parou em Caetano. Porque?

Elis — Foi um buraco que se abriu. As pessoas "viajaram" e deu o branco. Depois voltaram retomando suas posições e agora deslancharam.

J2a. — Bossa-nova, Jovem Guarda, Tropicalismo, os três movimentos representativos de nossa música. Qual o mais importante? Por que?

Elis — Não se faria a tropicália se Jobim não tivesse feito a bossa-nova. Esses dois mo-

vimentos considero mais importantes. A Jovem Guarda aproveitou só a estereotipação de uma moda. A filosofia, o inconformismo, foi assimilado mais tarde por dois gênios: Caetano e Gil.

J2a. — E seu trabalho no exterior?

Elis — Não reverteu. Consegui temporadas incríveis no México e Venezuela. Mas sem nenhuma representatividade, enquanto não houver um trabalho profissional em cima, não saio do Brasil que afinal é meu lugar.

J2a. — Como você reage diante da imprensa que se especializa em trazer problemas para o artista?

Elis — Nem recebo. Sou então tachada de antipática. Para o Jornal da Tarde passo dois dias conversando. Passou a revista Amiga, estou muito ocupada. Não perco tempo com quem não me acrescenta.

J2a. — Muita gente não entendeu você gravando rock...

Elis — Rock assusta por ser uma coisa de americano. Nós também somos americanos e música popular brasileira é a feita no Brasil. Não tenho preconceito contra ritmo.

J2a. — Existem compositores a serem lançados?

Elis — Tem gente, mas a qualidade não é boa. Não estão conseguindo centralizar as coisas.

J2a. — Você fará circuito universitário?

Elis — Esse show é complicadíssimo em mecânica de funcionamento. Precisa por baixo de vinte pessoas. São coisas que fazem bater gastos com bilheteria, então prefiro ficar descansando.

J2a. — Rio de Janeiro você pega...

Elis — Aí entra o problema pessoal. Principalmente das crianças; dentro das necessidades, deles viajo e levo; caso contrário prefiro abrir mão.

J2a. — Você acredita estar no auge da carreira?

Elis — Cada momento tem a sua importância. Quando fiz "Arrastão" tinha uma certa idade e havia um contexto cultural estabelecido. Hoje a coisa é mais séria. Estou fazendo o que haveria de melhor para mim dentro dessa seriedade.

J2a. — Por que o artista é tão mistificado?

Elis — Hollywood contribuiu. Ensinou que artista é coisa de outro mundo. Isso não existe; é gente que faz xixi como todos, que tem dor de cabeça... É uma atividade de brilho, mas tão normal quanto fazer um assado.

J2a. — Parece que você vendeu tudo o que tinha para fazer esse show.

Elis — Não tinha mais o que vender. Parei de trabalhar com Marcos Lázaro, fiz circuito universitário e pedi dinheiro emprestado.

J2a. — O amadurecimento deixou marcas?

Elis — Claro. Não há comportamento estânque. Acende uma luzinha que serei cantora. Apague que sou uma pessoa. Isso não existe.

J2a. — Ser conhecido é problema?

Elis — Depende se você for sincero e admitir que quis ser conhecido, ajoelhou, reze. Tem hora que você está com cólica e sem papo mas ser reconhecido é muito gostoso.

J2a. — E o chamado fã que pega no pé?

Elis — Gente paga. Tem cantor que faz isso, é organizado. As pessoas cresceram. Está todo mundo adulto.

Entrevista concedida
a Carole Chidiac.
Fotos:
Renato Bezzan.



"Mas quando leio o **Jornal de 2a.** e ouço outras pessoas que lhe fazem oposição, aguentando cada nome que não tem tamanho, toda sorte de críticas, estão sendo impiedosos para com o homem que, até Deus está fechando os ouvidos, tudo isso sem prova e ele está suportando, quieto, aceitando a crítica". (Leme do Prado, JJ de 1/10, grifo nosso)

"Até hoje não processou ninguém, numa prova verdadeira de que está dentro daquele slogan, quando começou sua campanha eleitoral 'Paz com Ibis', numa demonstração de respeito à opinião alheia, aceitando a crítica com amargor na alma, naturalmente, mas sem represálias, tolerando seus ferrenhos adversários, demonstrando grandeza de sentimentos porque, outro qualquer, já tinha enchido o Fórum de processos. Aí, tenho vontade de jogar-lhe flores". (mesmo colunista, mesmo jornal, mesmo dia)

"O jornalista é uma máquina de escrever viva que se debate com a folha em branco da lauda e que luta contra o tempo e o poder dos que não querem a denúncia e a revelação da verdade". (Le Monde, de Paris, em comentário sobre o filme "All the President's Men", que conta a história do caso Watergate)

"Atualmente, existem no Brasil cerca de 400 mil pessoas portadoras de deficiência visual". (Jornal da Cidade, 1/10)

"Em 1.º de outubro de 1974, fiz uma pesquisa com o Instituto Gallup. Reuni o chefe do Gallup em São Paulo e do Uruguai e eles me disseram: se você não sair de casa e se o adversário provar que você matou sua mãe, mesmo assim será muito difícil você perder as eleições. Isso foi 45 dias antes das eleições e com 45 dias de campanha". (Orestes Quércia, Jornal de Brasília de 29/8)

"Vamos trabalhar, deixando a alma de JK em paz, pois ele está num outro plano e não precisa mais dos 'puxa-sacos'. (JC, 3/10)

"Em jornal, como em tudo o mais, há também uma coisa que se chama boas maneiras. Uma folha, seja ela qual for, não se faz só com anúncios, ou sustentáculos exclusivamente materiais. Há também em torno de qualquer título de jornal uma aura de decência ética, pudor e conceitos firmados, a par de uma estrutura cultural, que dá a medida da auto-estima e do amor próprio dos que fundaram, mantêm e vivem profissionalmente da imprensa considerada". (mesmo jornal, mesmo dia)

"Mantendo uma coerência aditorial, o Jornal do Brasil tem hoje o respeito e a confiança de todos os leitores. E a imparcialidade de um jornal independente, comprometido exclusivamente com o leitor e com o País. Isto não é favor nenhum, é dever. O único dever de pessoas que se dedicam a informar sem distorcer, que não temem os estilhaços de assuntos explosivos e que jamais preferem o silêncio". (Jornal do Brasil, 15/9/76)

"Fico contente de entrar nos lares das velhinhas que não saem mais de casa, das pessoas que vivem no interior, nos rincões". (Maria Della Costa, atriz de teatro e televisão)

"É muito fácil lutar tomando uísque num bar. Quero ver nas durezas da vida". (Jorge Amado, escritor)

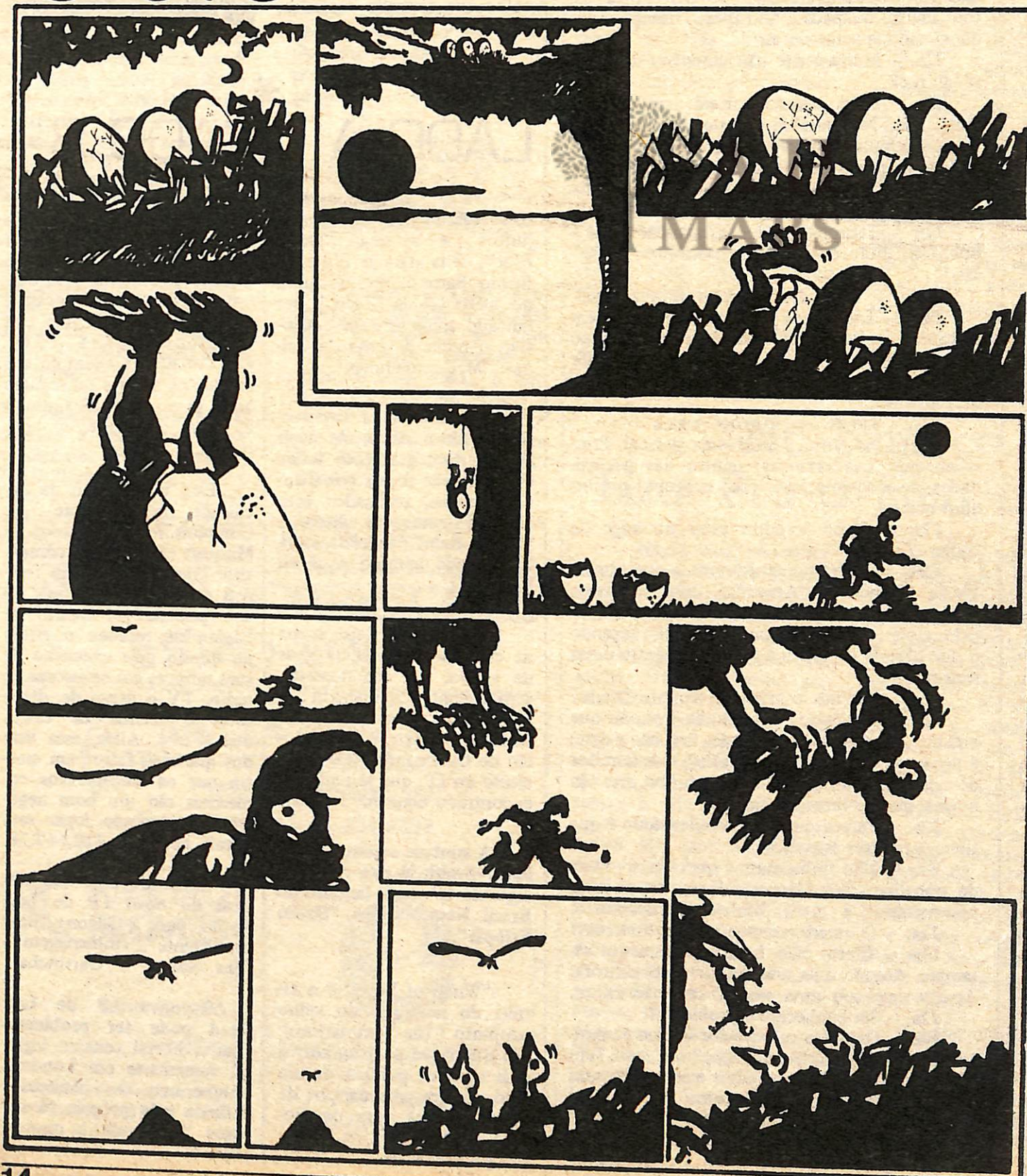
"Modernas avenidas 'rasgam' a cidade. Os bairros estão sendo asfaltados, garantindo com isso melhor condição de vida ao povo". (Jornal da Cidade, 3/10)

É evidente que uma rua asfaltada é algo vistoso. Os carros não trepidam muito, é bonito, agradável. Mas esse dinheiro poderia ser aplicado em coisas mais úteis, de finalidades sociais mais profundas". (Alberto Goldman, deputado estadual)

"Tá pesada demais a vida, mãezinha. E isso não é justo, não". (Marisa Raja Gabaglia, Última Hora do Rio, 28/9)

O OVO

DECIO DENARDI



PUFS

Mezanino foi um conde romano que se atirou do 2.º andar do palácio.

Exíguo não teve tempo de ser o maior filósofo da Grécia.

Cornucópia é um troféu disputado por jogadores traídos.

Salamandra é um prato vegetariano de diversas cores.

Fimose é uma nota musical muito aguda.

Solerte é um aviso de que amanhã não vai chover.

Cuzco é uma espécie de cachorro-quente mexicano.

Botija é um sapato usado para amassar bagos de uva de vinho.

Bufão é uma ventania ridícula.

Monja é uma pista de corrida somente para freiras.

Óbulo é a menstruação de mulheres menos favorecidas pela sorte.

Caudilho é uma sopa servida aos presos políticos do Chile.

Entradas e Bandeiras é um livro sobre a torcida do Coríntians.

Cardume é o resíduo industrial que polui os rios.

Tombadilho: uma queda provocada pelo balanço dos navios.

Bombardino foi um célebre anarquista italiano.

Escarpas são peixes que sobem montanhas para desovar.

Rabeca foi mulher do inesquecível Paganini.

Zarteu



RETÍFICA I



No J2a. da semana passada, página 16, último parágrafo, onde se lia "Humanizando o Progresso", leia-se "Humanização do Progresso", o que quer dizer a mesma coisa e não muda nada do sentido que eu quis dar. Perdão, leitores (Kazuo)

RETÍFICA II

Por um desses azares que sempre acontecem, a revisão falhou novamente, desta vez no primeiro parágrafo da matéria sobre a natação na Esportiva (pag. 11, J 2a. n.º 66). Em vez de despontando, saiu desapontando. Desculpem. (Leda).

OPINIÃO I

Achei uma droga o jogo entre a Seleção Brasileira e o Flamengo, transmitido ao vivo pela tevê, quarta-feira passada. Mas, de qualquer maneira, é sempre melhor um jogo droga do que nada. (E.M.)

OPINIÃO II

Achei uma droga o debate entre os candidatos Carter e Ford, transmitido ao vivo pela tevê, quarta-feira passada. (E.M.)

O PROBLEMA DO COLÉGIO TÉCNICO.

O Colégio Técnico é mantido por um convênio que inclui União, Estado e Município. A União, cabe fornecer verbas para a construção, obras de ampliação, etc (e ela tem cumprido seu papel). Ao Estado, cabe o fornecimento de verbas para a manutenção do colégio. E a Prefeitura obriga-se a fornecer verbas para alimentação e transportes. No começo do ano, a Prefeitura já cortou estas verbas, prejudicando sensivelmente os estudantes. Agora é o Estado que deixa de fornecer uma suplementação de verbas, necessária ao funcionamento da escola, e prevê, na dotação orçamentária do ano que vem, a mesma verba deste ano, sem a suplementação. O que significa, levando-se em conta a inflação e o aumento geral de custos, praticamente um corte de mais de 40%. O Colégio entrou em regime de contenção de despesas, e embora os 1.000 alunos que o frequentam tenham a garantia de que os cursos não serão paralisados, ele terá dificuldades para expandir-se, admitir novos alunos e criar novas classes.

O que causa estranheza é que nem para a Prefeitura faltou dinheiro para obras suntuosas, nem para o Estado faltaram verbas, por exemplo, para a execução de obras rodoviárias de grande envergadura, como a Via Norte.

Serão as avenidas e as estradas mais importantes que a Educação, ou os grandes empreiteiros mais influentes do que os estudantes?

SUBSÍDIOS PARA O VERNÁCULO

Mais uma jóias nelsinianas, extraídas do JJ do dia 2 de junho. Como sempre, da página social:

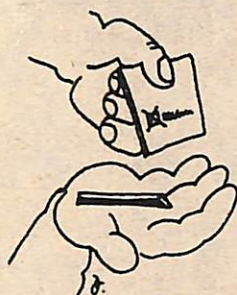
"... festejou essa festividade com todos seus parceiros..."

"... Desejamos à aniversariante juntamos com os muitos parabéns que recebeu, juntamos os desta coluna..."

"... só nos resta a desajar..."

"... só nos resta a dizer..."
De nossa parte, só nos resta a lamentar. (K)

ELEIÇÕES -- I



Trecho do "Manual do Eleitor", que a arquidiocese de Vitória, Espírito Santo está distribuindo aos católicos, para orientá-los em relação às eleições:

"É proibido dar dinheiro ou qualquer coisa pelo voto do eleitor, ou prometer vantagens, mesmo que o eleitor não aceite. Quando um político oferecer, você responda que isto é um crime. O elei-

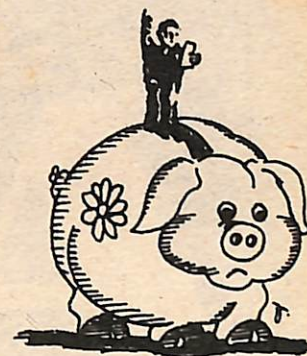
tor também não pode pedir nada pelo voto: nem dinheiro, nem roupa, nem remédio, nem favor, nem emprego, nem casamento, nem registro. Mesmo que seja muito pobre, não pode pedir nada em troca do voto. É um crime. Pode ser processado, ir pra cadeia ou pagar multa, tanto quem dá como quem recebe". (ABC das Eleições, p. 13). Isso é voto de cabresto. E cabresto é só para animal. Você não deve tornar-se um animal para ninguém. Pelo fato de alguém ter recebido favores de alguns candidato, não está obrigado a votar nele nem por gratidão, nem por lealdade. O que importa é o bem de todos."

ELEIÇÕES -- II

Outro trecho do "Manual do Eleitor", distribuído pela Arquidiocese de Vitória aos católicos:

"Nenhum funcionário federal, estadual ou municipal pode sentir-se no direito de ameaçar, pressionar ou bajular um eleitor, para que este vote ou deixe de votar em tal candidato. Todo eleitor é livre na escolha de seus candidatos. Quem tenta usar da sua autoridade para desrespeitar esta liberdade é um criminoso. Muitas vezes aconteceu haver uma troca de funcionários, como, por exemplo, a polícia, e até a professora ou

a diretora da escola, dificultando, assim, a liberdade do voto".



ELEIÇÕES -- III

Mais um trecho do "Manual do Eleitor", distribuído pela Arquidiocese de Vitória:

"Porcura se servir do povo o político que gasta o dinheiro do povo para construir um lago na praça da cidade, quando a maioria do povo nem tem água em casa, ou uma casa digna para morar; o político que manda seus filhos à escola e sua mulher às comprar em carro oficial, com gasolina paga pelo bolso do povo; o político que nunca dá satisfação aos seus eleitores do que anda fazendo; o político que se aproveita do cargo para comprar fazendas, construir casa nova, aparecer nas colunas sociais e, depois das eleições, desaparece. Só volta para pedir voto. E muito cuidado com os políticos que se servem do sentimento religioso do povo para tirar proveito!"

PROGRAMA

Restaurante: no Jarbas (rua Santa Terezinha, 50 — Vila Rio Branco), uma boa pedida é o Filé à Parmegiana (Cr\$ 32,00) acompanhado de arroz branco (Cr\$ 8,00) e salada completa (Cr\$ 20,00). Para beber, a caneca de vinho tinto custa 5 cruzeiros. Ajudando a digestão, o conjunto Só Samba está de sexta-feira a partir das 21 horas.

Arte: de 15 à 24 de outubro estará aberta a visitação pública uma exposição do entalhador jundiaense Sabiá. Local: Museu de Jundiaí.

Nacional: dia 16, os Pholhas dão um show de 2 horas e os Marvellous tocam o resto do baile que tem início às 23 horas. Ingressos: Cr\$ 35,00 (homens) e Cr\$ 20,00 (mulheres).

Uirapuru: matiné infantil com o Grupo Poluição Sonora, domingo das 15 às 18 horas.

Grêmio: sábado baile, com som do Jongo Trio Cia. Domingo, brincadeira dançante com a Osquestra City Swing.

Caxambu: Baile da Amizade, com o Som Alucinante. 25 cruzeiros para homens e 2 para mulheres.

Especial: sábado às 10 horas, no Jumbo, haverá um torneio de Zarabatana e domingo quem pular mais no Stik ganhará troféus e camisetas. Inscrições na seção de camping.

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO
ROSÁRIO, 523 - FONE 6.3795

FOTO LUIZ
Agora em novas
instalações.
Rua São José, 22

NOVIDADES/
Charme
CALÇADO/
ROSÁRIO, 622

Advocacia
dr. Ademercio
Lourenção
dr. Alcimar A. de
Almeida
dr. Francisco V.
Rossi
R: SIQUEIRA DE MORAIS
N: 578 TANDAR
EDIFICIO MARUJ

JUNDIAÍ CLINICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n — J. Messina
Fone: 4-1666

UM SIMPLES ENGANO DE UM DELATOR. E A ENFERMEIRA É PERSEGUIDA, CALUNIADA, DEMITIDA.

"O Guarda-Chuva apareceu na Unidade
dizendo que queria falar
com uma sem-vergonha, bocuda e
fofoqueira. Disseram que
não tinha ninguém com esse nome lá dentro."

Perseguição, ameaças, calúnia e demissão formam o estilo de política implantado pela atual administração municipal e reservado a todos que ousam atravessar em seu caminho. Desta vez, a vítima foi uma enfermeira da Unidade de Serviço de Vila Alvorada, só porque permitiu que na garagem de sua casa um candidato a prefeito fizesse uma reunião política.

Esta é a terceira reportagem de uma série que já está se tornando grande sobre esse regime de terror e começou há cerca de quatro meses, início da campanha eleitoral. A enfermeira Erminda Telles da Silva, a pedido de um vizinho, deixou que o candidato Pedro Fávoro fizesse uma reunião em sua garagem, já que era o único local em condições nas proximidades.

E os problemas de Erminda começaram:

— No início, eu não percebi nada, mas uma colega me avisou que o motorista, Saturnino, da Secretaria de Saúde, estaria me seguindo para vigiar o que eu fazia. Era verdade porque notei muitas vezes o Saturnino por perto.

Inconformada com isso, ela foi se queixar a Armando Zaramello, oficial de Gabinete da Secretaria. Segundo ela, o funcionário disse que nada sabia a respeito e achava que tudo não se passava de coincidência. Dias depois, o oficial foi até a Unidade de Serviço procurá-la para que se ela tivesse algum problema era para se comunicar com ele!

— No dia 1.º de setembro — relatou a enfermeira — por volta das 11h30, o Guarda-Chuva (apelido do

motorista Saturnino) apareceu na Unidade dizendo que queria falar com uma sem-vergonha, bocuda e fofoqueira. Disseram a ele que não tinha ninguém lá com esse nome, mas logo o motorista me identificou. Ambos foram até a cozinha do prédio e fecharam a porta. Erminda

teve então de suportar calada a impetuosa e violenta arremetida do motorista:

— Ele falou que eu não tinha provas e que era uma sem-vergonha, ordinária e se eu abrisse a boca ia apanhar lá mesmo.



O médico que estava no serviço, ouvindo a confusão, teria pedido à secretaria que fosse até lá para acalmar os ânimos, já que não era o local mais apropriado para aquela discussão. Com isso, os envolvidos acabaram na Secretaria de Saúde.

— Saturnino tinha falado que havia uma lista de reclamações contra mim, mas nunca me mostraram. Lá na Secretaria ele confirmou todas as ofensas e me falaram que era para ficar quietinha porque o dr. Arnaldo não pode perder as eleições.

O incidente poderia ter terminado aí, mas no dia 6 de setembro, Erminda, recebeu um aviso de que estava de férias até o dia 30:

— Não sabia porque tinham me dado férias se já estava tudo acertado para que fossem no final do ano. Daí na semana retrasada, recebi um comunicado dizendo que estava demitida.

Erminda não se conformou com o fato, achando que a Prefeitura não tinha de fazer aquilo. Procurou o advogado Luiz Lourenço Gonçalves e ambos, no dia 27, procuraram o prefeito para colocá-lo a par da situação já que eram amigos pessoais.

— Eu e o dr. Luiz Lourenço, que inclusive sempre defendeu os projetos do prefeito na Câmara, achamos que ele ia resolver o meu problema. Mas o Ibis nem recebeu a gente.

Mais tarde, vieram saber que o prefeito apoiava toda e qualquer medida tomada, pois dera autoridade aos funcionários Saturnino e Zaramello para isso. E uma enfermeira, envolvida pelas circunstâncias, acabou sendo prejudicada profissionalmente, graças à ansia de servidão de dois homens. (C. K. I.)

"ESTOU LIVRE DA SUJEIRA, DA IMUNDÍCIE QUE É LÁ DENTRO."

Erminda foi contratada pela Prefeitura há dois anos para trabalhar em Unidade de Serviço, primeiro na Vila Rio Branco, depois na Vila Alvorada. Antes, tinha trabalhado por três anos na Merenda Escolar e também no Hospital São Vicente.

Para ela, agora que passou toda a confusão, foi melhor ter saído, apesar de sentir pena de suas colegas que ainda trabalham lá. Sobre isso, a enfermeira falou:

— E ganhei na loteria neste ano saindo da Prefeitura porque estou livre da sujeira, da imundície que é lá dentro. Eu só espero que tenham terminado as ameaças a mim. Quan-

to às minhas colegas, se elas se encontrarem comigo na rua, não precisam fugir de mim para não serem mandadas embora do serviço porque é melhor fora do que lá dentro.

Para todos que trabalham na Prefeitura, Erminda apela:

— É melhor falar do que ficar quieto, é preciso falar para acabar com essa história. É preciso enfrentar, porque no dia em que todos enfrentarem, nada disso vai acontecer de novo. Quem duvida da minha história, pode passar na minha casa que vão ouvir todas as sem-vergonhices que acontecem.

O aspecto moral, para ela, é um

dos mais graves e acusa:

— O Zaramello é metido a bacana, convida as funcionárias para jantar e quando alguém delata isso, ele simplesmente diz que as moças é que correm atrás dele. O Saturnino, por sua vez, me acusou de maltratar os pacientes. Mas, na frente de outras pessoas, ele não teve coragem de confirmar o que tinha dito.

Há mais acusações que a enfermeira faz questão de fazer:

— As Unidades de Serviço viraram comitês do dr. Arnaldo Reis. Todas as pessoas que vão lá, na hora de sair, recebem um folheto de propaganda dele. (C. K. I.)